

PROGRAMA BIP/ZIP 10 ANOS NOS BAIRROS

Revista
Municipal
Trimestral
Número 32
Abril 2021
GRATUITA

Lisboa

**UM ANO EM
PANDEMIA
UNS COM OS OUTROS,
E A CIDADE COM TODOS**



SOLIDARIEDADES E RESISTÊNCIAS

É verdade que não pensávamos, nem desejávamos, estar, em abril de 2021, a dedicar uma parte substancial da revista Lisboa à pandemia e aos seus efeitos, nas famílias, na economia, na cultura,... Mas os factos impõem-se e com eles a necessidade de intervir. O programa municipal LISBOA PROTEGE, com a disponibilização de apoios em várias frentes, tem sido uma ajuda para aqueles que mais expostos ficaram às consequências desta crise. Nesta edição, contamos a “história” da pandemia e a forma como a cidade reagiu e resistiu: da autarquia, às empresas, passando pelas juntas de freguesia, associações, organizações sem fins lucrativos e cidadãos. Fica como mais um registo destes tempos difíceis, mas também de solidariedade, resiliência e esperança.

Esperança é também o que o programa BIP/ZIP leva às populações e aos territórios que, por uma razão ou por outra, merecem da parte do poder local uma atenção acrescida. São Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária, objeto de programas de desenvolvimento local feitos “à medida” e contando com a capacidade de mobilização de todas as forças vivas da cidade. Em jeito de comemoração dos dez anos deste programa, damos a conhecer 10 “rostos”: pessoas concretas que viram a sua vida melhorada na sequência de projetos financiados pela autarquia, e aos quais se associam, em regra, outras entidades que contribuem para a sua sustentabilidade.

Uma palavra para o sucesso de Lisboa Capital Verde Europeia. Apesar da voragem dos acontecimentos, que condicionou toda a programação do ano, é um facto que a cidade está cada vez mais verde e que continua comprometida com as metas ambientais. Durante este ano, a cidade comemora outra conquista: a sua eleição como Capital Europeia do Desporto. E mais uma vez, a autarquia tudo fará para, no estrito respeito pelas regras de segurança, promover a atividade desportiva e a generalização de modos de vida saudáveis. No próximo número, aqui daremos conta dos apoios aos clubes e da cidade que nos inspira e desafia a ser cada vez mais ativos.

No final, lembramos Carlos do Carmo, que tão bem cantou a nossa cidade, em colaboração com os poetas que amaram Lisboa. Uma homenagem que passará pela oficialização de *Lisboa, Menina e Moça*, como a “Canção de Lisboa”.

Nesta edição,
contamos a “história”
da pandemia e a
forma como a cidade
reagiu e resistiu.

Filomena Costa

DIRETORA

Sumário

Revista Municipal Trimestral • Número 32 • Abril 2021



ACRAS - Associação Cristã de Reinserção e Apoio Social, janeiro de 2021.

CIDADE QUE REAGE

A vacina está aí, mas ainda assim continuamos a lutar contra uma pandemia que dificilmente dá tréguas e que tem tido impactos, muitas vezes devastadores, nas famílias, na economia, na cultura e nas estruturas associativas locais. Neste número, damos contas das medidas de proteção autárquicas e da perspetiva de quem tenta resistir. E inspiramo-nos em todos aqueles que têm sido fundamentais na ajuda a quem mais precisa. Fazemos, igualmente, um roteiro pelos dez anos do BIP/ZIP, o programa autárquico que tem dinamizado o desenvolvimento local em territórios mais vulneráveis. E nesta primavera atípica, numa Lisboa cada vez mais verde, damos nota de tudo o que foi feito e prossegue a caminho da sustentabilidade ambiental. Também nesta edição, como não podia deixar de ser, o museu do Aljube traz-nos a memória da resistência e da liberdade da revolução de abril.

EDITORIAL

Solidariedades e resistências 1

FOTO DE CAPA: AMÉRICO SIMAS
FOTOGRAFADA: NÁDIA SENA

A PANDEMIA DO SÉCULO

Cidade que protege, lisboetas que resistem	4
Lisboa Protege em números	31
Entrevista	
Gonçalo Riscado: Incógnitas, resistência e futuro da cultura	32

CIDADE SEM FRONTEIRAS

BIP/ZIP – 10 anos	38
Orçamento Participativo	
Como os moradores da Penha conseguiram um jardim	56

LISBOA VERDE

Metas ambientais: o que foi feito e o que se segue	60
--	----

REGISTOS

Resistência e Liberdade	
O Aljube	66
Saúde, Comércio responsável, Ambiente e Espaços Verdes, Mobilidade, Artes e ofícios, Direitos sociais, Habitação	71
O Campo na Cidade	
Quinta Pedagógica dos Olivais comemora 25 anos	74
Prémios, Educação, Exposições	76
Uma viagem imersiva pelo património natural português	
Exposição Variações Naturais	77
Entrevista	
Gaspar Varela, o rapaz da guitarra	78
Ficha técnica	79
Homenagem	
Carlos do Carmo por André Carrilho	80

A PANDEMIA DO SÉCULO



**CIDADE QUE PROTEGE,
LISBOETAS QUE RESISTEM**

TEXTO DE
LUÍS MIGUEL CARNEIRO

“NINGUÉM ESTAVA À ESPERA de uma coisa destas”. Quando, no final de 2019, surgiram nos jornais notícias de uma epidemia grassando numa remota cidade do outro lado do mundo, poucos foram os que se sobressaltaram.

Contudo, em janeiro de 2020, as preocupantes notícias passaram para os telejornais, acompanhando a velocidade de propagação do “novo coronavírus”, o SARS-Cov-2, a cuja doença associada, agora reconhecida como de alta morbidade, se deu o nome de Covid-19. Informava-se, com alguma perplexidade, que os médicos chineses registavam grande rapidez de transmissão pessoa a pessoa e que as autoridades haviam imposto uma draconiana quarentena à província de Hubei e um isolamento sanitário à respetiva capital, Wuhan, tida como o epicentro do fenómeno – um “atentado à liberdade”, estimaram alguns observadores de outros países.

Em fevereiro, o surto espalhará-se pelo extremo oriente e atingia com virulência o norte de Itália, disseminando-se pela Europa. Muitos países, em todos os continentes, reportavam casos da doença. “Um exagero” – reclamaram alguns céuticos e despreocupados líderes mundiais, quando a Organização Mundial de Saúde, a 11 de março, declarou a situação como uma pandemia (a primeira a ser decretada desde a Gripe A, em 2009). Apesar de estar em declínio nos primeiros países mais afetados no início do surto (China e Coreia do Sul), nessa data era já uma catástrofe global, com 118 mil casos em 114 países, com quase 4300 mortes reportadas. E, dia após dia, os números não paravam de crescer. Hoje, esta pandemia é responsável por cerca de 3 milhões de mortos e 135 milhões de pessoas infetadas em todo o mundo.

Apesar de, numa primeira fase, a maior parte dos casos ainda se centrar a norte, Lisboa preparou-se para o pior e conseguiu que a cidade continuasse a funcionar.

A cidade não podia parar

Apanhados de surpresa, o modo como cada pessoa, cidade ou país enfrentou a crise é uma história ainda por contar. Em Portugal, confirmados os primeiros casos “importados” no início de março e verificando-se a seguir os primeiros contágios comunitários, o Estado de Emergência foi declarado, uma primeira vez, no dia 18 de março. Tal como por cá, o confinamento obrigatório, com provas dadas a oriente, seria adotado pela generalidade das nações – mesmo que tardiamente, no caso daqueles países cujos governantes inicialmente haviam negado a gravidade da situação e que inventavam conspirações.

Enquanto, melhor ou pior, nos habituávamos à condição de confinados e o teletrabalho era instituído, a opinião pública elegeu os seus heróis: a gente da “linha da frente”, com o pessoal do Serviço Nacional de Saúde à cabeça, e todos aqueles que não podiam baixar os braços para que os serviços essenciais fossem assegurados – padeiros, farmacêuticos, lojistas de produtos alimentares, polícias, taxistas e condutores de outros veículos de transporte, cuidadores de idosos e doentes, operários, bancários...

Apesar de, numa primeira fase, a maior parte dos casos ainda se centrar a norte, Lisboa preparou-se para o pior e conseguiu apoiar respostas sanitárias e providenciar os serviços básicos para que a cidade pudesse continuar a funcionar.

No universo municipal o teletrabalho tornou-se regra quando possível. Foi necessária uma exigente operação informática e logística para manter os serviços e os trabalhadores a desempenharem as suas tarefas, mesmo à distância. Mas cerca de metade dos funcionários continuou, com cuidados redobrados e equipamentos apropriados, a prestar serviço externo: bombeiros sapadores, polícias municipais, cantoneiros de higiene urbana, funcionários dos mercados, arquitetos, coveiros, jardineiros, calceteiros, topógrafos, eletricitas, assistentes sociais, motoristas e operadores de máquinas, auxiliares escolares, mecânicos, cozinheiros, engenheiros e tantos, tantos outros. No auge do primeiro confinamento a cidade pôde ainda contar com cerca de 1700 voluntários integrados em várias ações de assistência premente.

Essa mobilização dos serviços essenciais da autarquia, teve consequências práticas: prosseguiram os processos de licenciamento urbanístico, mesmo ➤

DISTRIBUIÇÃO DE REFEIÇÕES

“HÁ HISTÓRIAS DE VIDA MUITO COMPLICADAS”

A ACRAS É UMA DAS INSTITUIÇÕES de solidariedade social que se associou ao esforço coletivo de fornecer refeições e bens alimentares às pessoas em dificuldades.

“Nesta pandemia, com a crise que desencadeou, temos pessoas de classe média que ficaram em condições muito complicadas e algumas até têm dificuldade em pedir apoio porque nunca precisaram de o fazer”, diz Paulo Nunes, administrador da ACRAS - Associação Cristã de Reinserção e Apoio Social.

É caso de Maria (nome fictício) que, por entre lágrimas, diz que é a primeira vez na sua vida que se viu obrigada a pedir ajuda, no caso à Santa Casa da Misericórdia. Maria vai diariamente levantar as suas refeições à ACRAS. “Eu vivia sozinha com a minha mãe, vendia pulseiras aos turistas por toda a Lisboa. Trazia todos os dias a minha subsistência para casa. Às vezes 50 euros, outras 30, e de repente chegou esta pandemia. Neste período a minha mãe ficou gravemente doente. Ela tinha 580 euros de reforma, vivíamos mais ou menos bem, mas ela morreu e eu fiquei sem nada. Tenho 64 anos, mas sempre trabalhei, e agora tenho que esticar a mão à caridade. Não tenho idade para trabalhar, mas também não tenho idade para receber uma reforma.”

O chef de cozinha da Associação, André Duarte Cunha, tem 27 anos e sempre trabalhou na restauração. É responsável pela confeção de 250 refeições diárias com a ajuda de outro colega. Uma equipa de 6 elementos, em que os restantes ajudam na organização e na distribuição dos cabazes alimentares com almoço, lanche e jantar para todo o agregado familiar, para além de outros alimentos que vêm de donativos que recebem. “No princípio da pandemia tínhamos pessoas que já tinham algum problema socioeconómico anterior, mas neste momento já aparece outro tipo de pessoas, em que se nota uma ligeira mudança, no aspeto, na educação...”, conta André Cunha. “De vez em quando há alguém que vem mais cabisbaixo e nós perguntamos o que passa; há pessoas de quem já conhecemos os nomes, os nomes dos filhos, dos netos, e há outras que só conhecemos de nome e não sabemos mais nada. Mas há histórias de vida familiar muito complicadas... de doenças, de pessoas que ficaram sozinhas, que perderam os empregos...”



Neste serviço da ACRAS, há também o apoio de uma assistente social que dá indicações sobre a composição das famílias. Se há crianças, idosos... para poderem adaptar os cabazes às necessidades.

As refeições com mais sucesso? “É a alheira, e o esparguete à bolonhesa”, responde o chef André com um sorriso. ● MAFALDA FERRAZ

► nos confinamentos, através de um serviço digital assegurado por mais de 400 funcionários em regime de teletrabalho, para que não parasse a atividade e o emprego na construção civil.

Em ano de Capital Verde Europeia, acelerou-se também o processo de transformação do espaço público, com o aumento de áreas verdes, pedonais e ciclovias, promovendo estilos de vida mais saudáveis e uma mobilidade menos permeável a contágios. No mesmo sentido, e também para minimizar os impactos no setor da restauração, facilitou-se o licenciamento de esplanadas.

Tendo-se registado um acréscimo de pedidos para recolha de resíduos volumosos (os “monstros”) e de entulhos de obras e limpezas abandonados na via pública (em mais de 200%), o trabalho dos cantoneiros de limpeza não diminuiu, mesmo para as duas centenas que todas as noites procedem à recolha de lixo. Houve, no entanto, que adaptar circuitos, uma vez que as deposições de resíduos diminuíram nas áreas da restauração, mas aumentaram exponencialmente nas áreas residenciais. Uma breve suspensão da recolha seletiva serviu para permitir a proteção dos trabalhadores e acautelar equipas “em espelho” durante o primeiro confinamento, ao mesmo tempo que se sensibilizavam os cidadãos para a correta deposição de materiais perigosos como luvas e máscaras.

A atividade cemiterial, outro serviço municipal a sofrer a pressão da pandemia, também não registou constrangimentos. Nos sete cemitérios, apesar do pico de mortalidade em janeiro de 2021 (aumento de cerca de 70% de funerais e cremações comparando com janeiro de 2020), foi possível responder às necessidades, verificando-se apenas um aumento no tempo de espera nas cremações durante esse período.

Polícia municipal, bombeiros sapadores, mercados, apoio social, manutenção de pavimentos e dos espaços verdes, prossecução de obras públicas ou aprovação e fiscalização de obras privadas foram outros tantos serviços do município e das juntas que nunca estiveram comprometidos. Nos períodos de interrupção das atividades letivas, manteve-se a abertura de escolas para os filhos dos funcionários dos serviços essenciais. Mesmo em janeiro, num momento particularmente difícil de propagação dos contágios, a autarquia destacou-se na organização dos locais de voto nas eleições presidenciais, para onde canalizou recursos humanos, bem como na ►

PORTEFÓLIO

Joana Silva

“It’s a Book - Livraria/oficina” é um espaço especializado em livros infantis, onde crianças e adultos partilham experiências. Fica nos Anjos, zona escolhida pelos criadores do projeto, Joana Silva e António Alves, não só porque ali vivem, e gostam muito, “mas também pelas suas características: um bairro multicultural, com muitas famílias jovens; é uma zona bastante urbana, mas um autêntico bairro ao mesmo tempo, o que nos agrada.” A oferta, com edições portuguesas e estrangeiras, resulta de uma seleção cuidada que tem em conta o conceito de cada livro, a ilustração, a escrita, o *design* e os materiais usados. O confinamento veio impor mudanças na dinâmica natural daquele espaço. Joana e António perderam a presença e a relação com o público na loja, mas desenvolveram estratégias de proximidade com os seus clientes através da comunicação digital. E esse tem sido o grande desafio. “É difícil ver o que vem pela frente e como o projeto se ajustará à nova realidade, mas será sempre uma questão de adaptação, e não de perda.” Mesmo à distância, têm conseguido continuar a vender livros, “oferecendo um serviço mais personalizado, mantendo linhas de comunicação constantes com os clientes”. O programa de aquisição de livros às livrarias independentes por parte das bibliotecas da Câmara Municipal Lisboa também deu uma ajuda importante. O rendimento que daí resultou permitiu à It’s a Book investir na comunicação digital. “Foi fundamental para melhorar a nossa presença *online*, por exemplo através da construção de raiz de uma loja virtual.” Mas o desejo é estar de portas abertas, recuperar os objetivos originais e continuar a convidar crianças e adultos a mergulharem “nas experiências proporcionadas pelos melhores livros infantis”. ● PAULA CEREJEIRO

FOTO: CARLOS MORAIS DA SILVA



“VAMOS TENTANDO ARRANJAR FORÇAS PARA RESISTIR”

RESTAURANTES SOLIDÁRIOS



“TEMOS LUTADO PARA SOBREVIVER”, diz-nos Manuel Costa, sócio-gerente do restaurante Jau, instalado há muitos anos numa das principais e seguramente mais belas ruas de Alcântara — a rua Luís de Camões.

Durante o confinamento estiveram em regime de *takeaway* e aos fins de semana acumularam com a entrega de refeições a pessoas e famílias carenciadas, um projeto da Câmara de Lisboa coordenado pela freguesia local. São cerca de trinta refeições — por cada uma, o restaurante recebe 10 euros. Um projeto que acode às necessidades alimentares e que, em simultâneo, quer dar um incentivo à restauração.

Manuel Costa tem 62 anos e está no restaurante há quase 40, quatro décadas em que passou por várias crises, a última no período da troika, “que nos derrubou”. Estavam a tentar recuperar, mas “agora isto veio derrubar-nos mais um bocado.” Não despediram ninguém — alguns trabalhadores já tinham procurado alternativas — e agora são, com ele, três. “Vamos tentando arranjar forças para resistir”, afirma.

O *takeaway* permitiu ir aguentando as coisas, “tinha dias de servir 12 refeições, outros dez, outros duas ou três, variava”. Ao domingo há menos casas abertas e melhorava um pouco, diz.

Sobre o programa de “apoio alimentar - restaurante solidário” diz que “não dá muito, mas atenua um pouco a pancada.” Uma refeição é composta por prato, sopa, pão e fruta. De resto é mesmo solidário, pois, revela, o prato é sempre servido “com reforço, para permitir que as pessoas tenham para a noite. No fundo mandamos duas refeições”.

JOSÉ MANUEL MARQUES

FOTO: CARLOS MORAIS DA SILVA

► recolha eficaz da votação antecipada e no acesso ao direito de voto dos cidadãos confinados ou residentes em lares.

Uma vez mais, o mundo do trabalho, nomeadamente o do serviço público, dava o exemplo cerrando fileiras na celebrada “linha da frente”. A cidade não podia parar, e não parou.

Tratar, testar e vacinar em instalações de emergência

Complementarmente, os serviços municipais foram também chamados a colaborar com as autoridades de saúde, instalando um hospital de campanha com 500 camas no Estádio Universitário (caso viesse a ser necessário este apoio de retaguarda) e, logo desde março de 2020, centros de testagem Covid-19 gratuitos. Esta rede foi recentemente alargada (incluindo já 90 farmácias aderentes), para a testagem em massa de todos moradores, duas vezes por mês, em paralelo com ações de testagem direcionadas para setores de atividade e locais de risco (como comerciantes de feiras e mercados e outros que vêm de fora para trabalhar). De igual modo, a autarquia disponibilizou instalações e recursos humanos para o processo de vacinação em massa (em sete centros), garantindo ainda o transporte gratuito de idosos e pessoas de mobilidade reduzida para os locais de vacinação em táxis (o que também ajuda este setor do transporte público, afetado pela quebra de clientes). Em março, realizaram-se 7500 destas viagens gratuitas, suportadas pela autarquia (ver página XX).

Dificuldades e... serenidade

O espectro sombrio da quebra da atividade económica e das terríveis consequências sociais que daí poderiam advir não podia ser ignorado. Tal como ainda hoje não temos certezas, num primeiro momento não se sabia ao certo quanto tempo duraria a crise pandémica nem a verdadeira amplitude dos seus efeitos — não só na área da saúde mas também na economia e no emprego, nas finanças públicas e privadas, na coesão do tecido social, na cultura e na educação. Seriam suficientes os fundos públicos endossados para a sua prevenção? Como poderiam o governo, o poder local e a sociedade civil contribuir para atender a tais impactos?

Lisboa, cidade cuja economia tanto crescera nos últimos anos, que soubera gerar soluções inovadoras e energias criativas, tentou, no essencial,

As candidaturas aos apoios do fundo Lisboa Protege foram prolongadas até 30 de junho. Até ao momento foram apoiadas mais de 5 mil empresas e transferidos cerca de 23 milhões de euros.

afrontar as dificuldades, com pensamento e ação desde os momentos iniciais. Logo em abril e maio de 2020, a autarquia reforçou o Fundo de Emergência Social, assumiu apoios diversos à economia, com vista a preservar postos de trabalho, escorou a cultura, sustentou as iniciativas solidárias dos cidadãos e das organizações, criou parcerias com juntas de freguesia, associações e instituições de solidariedade social. Posteriormente, tomou o pulso da realidade e alargou o âmbito dos apoios, os montantes, os períodos de candidatura e o universo dos potenciais beneficiários de modo a acorrer às pessoas e aos setores mais afetados.

Nos primeiros momentos da crise pandémica, a autarquia decidiu não só manter os investimentos públicos como reforçá-los (620 milhões de euros em 2020), de modo a manter os setores produtivos a funcionar. Foi o caso dos investimentos municipais nas infraestruturas e saneamento, na habitação, nas escolas e creches, nos centros de saúde e nas unidades de cuidados continuados. A Câmara, ao dar continuidade aos processos de licenciamento urbanístico, também permitiu apoiar a fileira de atividades ligadas à construção civil: arquitetos, projetistas, promotores, construtores, ajudando a manter milhares de postos de trabalho.

Outra medida tomada desde o primeiro confinamento consistiu na isenção de rendas e taxas em espaços municipais, bem como das taxas de ocupação do espaço público para a generalidade dos estabelecimentos comerciais.

Cimentar a coesão social

Depois do primeiro confinamento, a melhoria da situação sanitária permitiu que a cidade recuperasse ►



PORTEFÓLIO

Catarina Côdea

Foi num estágio no Teatro Maria Matos que começou a sua ligação às artes de palco. “A partir daí, nunca mais parei. Tanto no som como na luz, fazer espetáculos é como fazer magia. As possibilidades são infindáveis, concertantes e desconcertantes, e as descobertas também”. É licenciada em som e imagem pelo politécnico das Caldas da Rainha. Depois de trabalhar no Museu da Marioneta, tornou-se *freelancer*, a liberdade criativa, sem rotina diária. “Dou-me bem com isso”. O primeiro confinamento trouxe logo uma grande preocupação. “Como lidar com isto? As pessoas começaram automaticamente a ligar umas às outras muito preocupadas”.

O setor cultural é muito extenso e, se em dias normais a precariedade já é muita, em tempos de pandemia tudo piorou. Da Gulbenkian veio o primeiro apoio para fazer face a despesas de subsistência. Seguiu-se o apoio do Programa de Estabilização Económica e Social, concedido pela Segurança Social a trabalhadores independentes da área da cultura. Mas este aligeirar temporário das dificuldades e o desconfinamento que se seguiu não resolveram os problemas. Organizar o mundo da cultura, com toda a sua diversidade, para oferecer espetáculos em segurança atrasou em muito a oferta cultural. Muita gente só recomeçou a trabalhar em setembro, como foi o caso de Catarina. Com o novo confinamento, em janeiro de 2021, a situação piorou. “Os apoios demoram a chegar e são insuficientes para se sobreviver sem outras ajudas. Recorri sempre, sempre, ao apoio da minha família e de amigos.” Agora, Catarina tem estado a ajudar a União Audiovisual com o transporte e distribuição de bens alimentares a profissionais da área, e tenciona candidatar-se ao programa municipal Lisboa Protege. ● **PAULA CEREJEIRO**

JUNTAS DE FREGUESIA, A VANTAGEM DA PROXIMIDADE



AS NOTAS SÃO DE SANTO ANTÓNIO, e o “verdadeiro milagre acontece aqui”, afirma Ana Paula, 46 anos, mãe solteira, que ficou desempregada durante a pandemia. As notas que recebe são impressas numa gráfica e cunhadas com selo branco da Junta de Freguesia de Santo António, responsável pela iniciativa, o que lhes confere a devida autenticidade. Troca-as por bens essenciais na Mercearia Solidária Valor Humano, localizada na freguesia. Com quase 300 euros de renda, vive “numas águas-furtadas sem condições”, tem ainda de pagar água, luz, medicamentos... e esta mercearia é uma ajuda essencial.

Também Marcial, de 45 anos, vive no bairro, numa pensão. Tem o 12.º ano, fez estágio no Hotel Turim e concluiu formação de três anos do Instituto de Emprego e Formação Profissional, em Bar e Mesa. Um acidente atirou-o para uma baixa prolongada e, depois de muitos tratamentos, acabou a viver do rendimento mínimo, 189 euros. Vê na Mercearia Solidária uma grande ajuda, “pois é só ligar para a dona Paula (funcionária da junta), ela arranja o saco, e eu vou buscar”. Além de mercearias e artigos de higiene, outros produtos, como roupas para bebé, estão também disponíveis. As doações para a mercearia vêm de várias empresas, sobretudo do retalho alimentar. ● SARA INÁCIO

FOTOS: MANUEL RODRIGUES LEVITA

► muita da normalidade possível, e o verão parecia propiciar uma melhoria geral da situação. A segunda vaga pandémica, porém, obrigou a novo confinamento. Com ele, veio uma certa saturação e a esperança adiada para quem achava que era possível conter a pandemia e prosseguir com as atividades quotidianas.

Muitos “especialistas” e negacionistas da gravidade do vírus despontaram nas redes sociais – um espaço de liberdade, mas com os inerentes perigos da desinformação – reclamando a abertura precoce da economia. A normalização do que devia ser exceção e o excesso de confiança provaram ser terreno para o relaxamento dos comportamentos. Uma precipitada abertura pelo Natal fez o resto, e janeiro de 2021 trouxe o pior momento em termos de saúde pública. Não se pode ter chuva no nabal e sol na eira.

As dificuldades criadas por esta histórica pandemia são tremendas. Exigem respostas novas, céleres e abrangentes. Recuperar a vivência urbana tal como a conhecíamos e reconstruir a economia não serão tarefas fáceis. Quando a figura paternal do Estado Central não consegue confortar todos, o Poder Local assume o papel de agasalhar os restantes. Cada um terá a sua própria perceção dos efeitos desta crise, que ainda se farão sentir durante muito tempo, e do modo como a vivenciou; mas a solidariedade deverá continuar a ser o cimento da nossa coesão social.

É aqui que entra o programa municipal Lisboa Protege, criado em dezembro com novos fundos e várias frentes de apoio. Mas a posterior degradação da situação sanitária, ao lançar uma nuvem negra sobre as perspetivas de uma recuperação rápida da economia – mesmo com o acenar dos fundos da *bazuka* europeia –, exigia mais. Não havia tempo para ficar à espera e, em março deste ano, surgiu a segunda fase do programa, o Lisboa Protege +, com mais orçamento disponível e condições de acesso alargadas.

Lisboa Protege

Um conjunto de medidas à medida da cidade

Apoiar as empresas

A primeira fase do programa Lisboa Protege, de dezembro a fevereiro, já originou transferências de 16,1 milhões de euros para lojistas, restaurantes e ►



► agentes culturais da cidade. Decorre desde março uma segunda fase, de novo com um orçamento de 20 milhões de euros a atribuir em função da quebra de faturação.

Esta linha de apoio a fundo perdido abrange agora novas atividades empresariais como a panificação, pequenas oficinas de reparação, cabeleireiros, comércio retalhista não-alimentar, setor do turismo, atividades criativas, desportivas e de lazer, outras empresas de prestação de serviços e, ainda todas as Lojas com História.

O programa abarca também empresários em nome individual e contabilidade simplificada – mais que duplicando (para dez mil) o universo de empresas/empresários eventuais candidatos, responsáveis por 80 mil a 100 mil empregos na cidade.

Na nova fase do programa podem candidatar-se empresas com faturação entre 500 mil e 1 milhão de euros – ao contrário do anterior limite de 500 mil euros (para as quais foi criado agora um novo patamar do apoio a fundo perdido: 10 mil euros), desde que comprovem quebras de receitas superiores a 25%. Também os restaurantes continuam a ser apoiados, agora até ao limite de 1 milhão de euros de faturação. De uma forma geral, as empresas ou empresários dos setores mais apoiados (o da restauração, seguido pelo do comércio) receberam apoios entre os mil e os dez mil euros.

É certo que muitos empresários souberam adaptar os seus negócios à atual situação, com propostas inventivas e geradoras de valor (comércio *online*, entregas ao domicílio, reconversão de *stocks*, serviços de proximidade, etc.). Mas é todo o tecido económico da cidade que tem de ser estimulado, para que os investimentos se traduzam na criação de riqueza e na sua redistribuição pelo trabalho e pela construção do futuro coletivo.

Entre os diversos apoios municipais contam-se de novo, para todo o primeiro semestre de 2021, a isenção do pagamento de rendas dos estabelecimentos comerciais em espaços camarários, a isenção do pagamento de 50% das taxas em mercados, feiras e venda ambulante, e de 100% das taxas de bancas e quiosques de tutela camarária, a prorrogação do prazo de concessões, etc. Simultaneamente, numa parceria com a União das Associações de Comércio e Serviços e os CTT foi criada uma plataforma de comércio *online* e um serviço de entregas a preços reduzidos. ►

PORTEFÓLIO

Pedro Magalhães

“Estive 25 anos como amontoador de arte contemporânea”, diz Pedro Magalhães, *designer* e galerista.

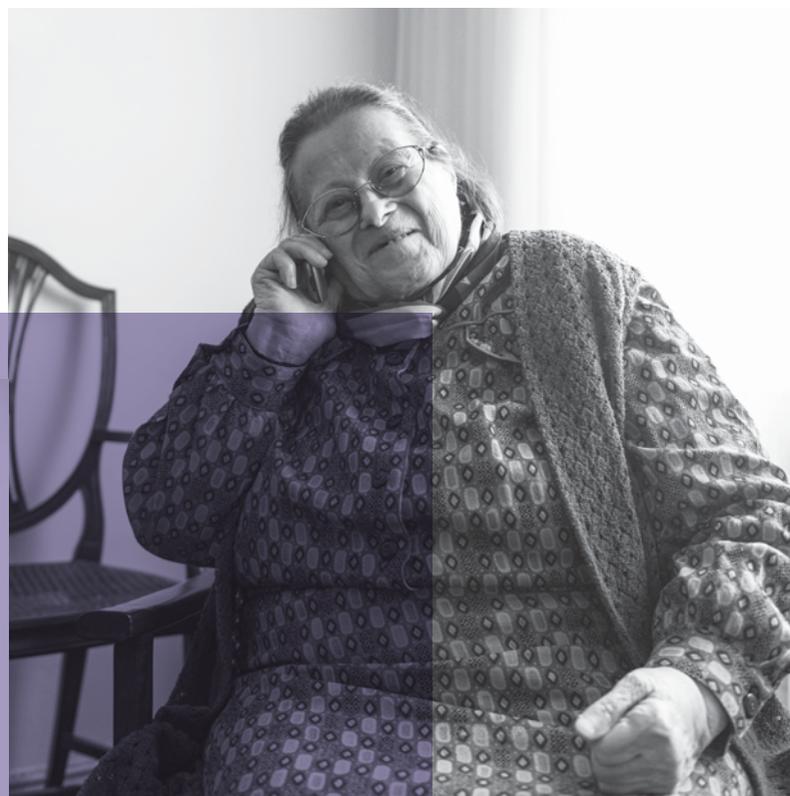
O contacto com jovens artistas, durante esse tempo, levou-o a abrir a galeria Balcony, na freguesia de Alvalade, zona em que nasceu e cresceu e onde ainda mora, mais precisamente no bairro de São Miguel. “Logo, a galeria só podia ser aqui”.

No primeiro confinamento, a programação “sempre delineada a um ano, um ano e pouco ficou em *standby*.” Mas apesar das portas fechadas, a galeria ganhou fôlego nas redes sociais, de modo que não houve quebras comerciais significativas. Em abril, Pedro respondeu ao apelo dos curadores Ana Cristina Cachola e Sérgio Fazenda Rodrigues, para concorrer ao Fundo de Emergência Social para a Cultura, da Câmara Municipal. Prepararam “um projeto bem robusto”, que envolveu mais de vinte pessoas e que a todos deu muita satisfação levar a bom porto. Três semanas depois foram selecionados e, após um reajuste no orçamento, assinaram o contrato em finais de maio. E a reabertura deu-se a 19 de maio, “nunca mais me esqueço”. “Fazer de casa Labirinto” foi a exposição que assinalou aquele dia. Desenhada em contexto de confinamento, com a apresentação de trabalhos acabados, mostra como 10 artistas viveram esses tempos. E agora? Entre reajustar a programação e manter todos os compromissos com os artistas, Pedro nota que o mercado está mais parado, e as pessoas cansadas e mais ansiosas. Espera concorrer ao programa de apoio do Estado “Garante Cultura”. Entretanto, tenta manter as suas rotinas. Mesmo de portas fechadas “ia todas as manhãs para a galeria, sabendo que não ia entrar ninguém”. ● PAULA CEREJEIRO

FOTO: CARLOS MORAIS DA SILVA



UM “NETO” ATENTO



MUITAS ASSOCIAÇÕES SEM FINS LUCRATIVOS vocacionam a sua ação para causas sociais. A Coração Amarelo é uma delas.

Nesta associação, Luís Parreirão, 31 anos, jurista de profissão, dedica parte do seu tempo livre ao voluntariado. Contactou a Associação Coração Amarelo (ACA) e começou a visitar a dona Madalena todas as quartas feiras, ainda antes da pandemia, na zona de Arroios, onde também mora. A vizinha é uma senhora de 90 anos “com um espírito muito jovem e que gosta muito de conversar”. Entre histórias contadas, jogos de computador e acima de tudo companhia, ambos se sentem gratos pela partilha de experiências. Com o confinamento, as visitas foram interrompidas, mas as conversas ao telefone atenuaram a ausência. “Já estou com muitas saudades”, confessa Luís. Por seu lado, a dona Madalena, que vive num segundo andar sem elevador e cuja autonomia é cada vez menor, conta com uma cuidadora, a Shantha, de quem gosta muito. “Foi a minha mãe que a mandou lá do céu.” E, para alimentar o espírito, ligam-lhe da Casa Fernando Pessoa todas as semanas, para ouvir um poema ou um trecho de um livro.

Uma equipa multidisciplinar composta por uma psicóloga, assistente social, terapeuta ocupacional, animadora cultural, elabora um plano de intervenção para os seus utentes selecionando e dando formação e acompanhamento aos voluntários para a melhor obtenção de resultados no combate ao isolamento dos mais idosos. Em Lisboa a ACA celebrou um protocolo com o Instituto de Segurança Social que permite apoiar 150 idosos. O voluntário visita ou contacta semanalmente o utente, mediante o perfil e interesses de ambos, com o objetivo de criar um momento de interação que saia fora da rotina. ● SARA INÁCIO

➤ O principal instrumento municipal de suporte às empresas é, contudo, o programa de subsídios a fundo perdido inscrito no programa Lisboa Protege.

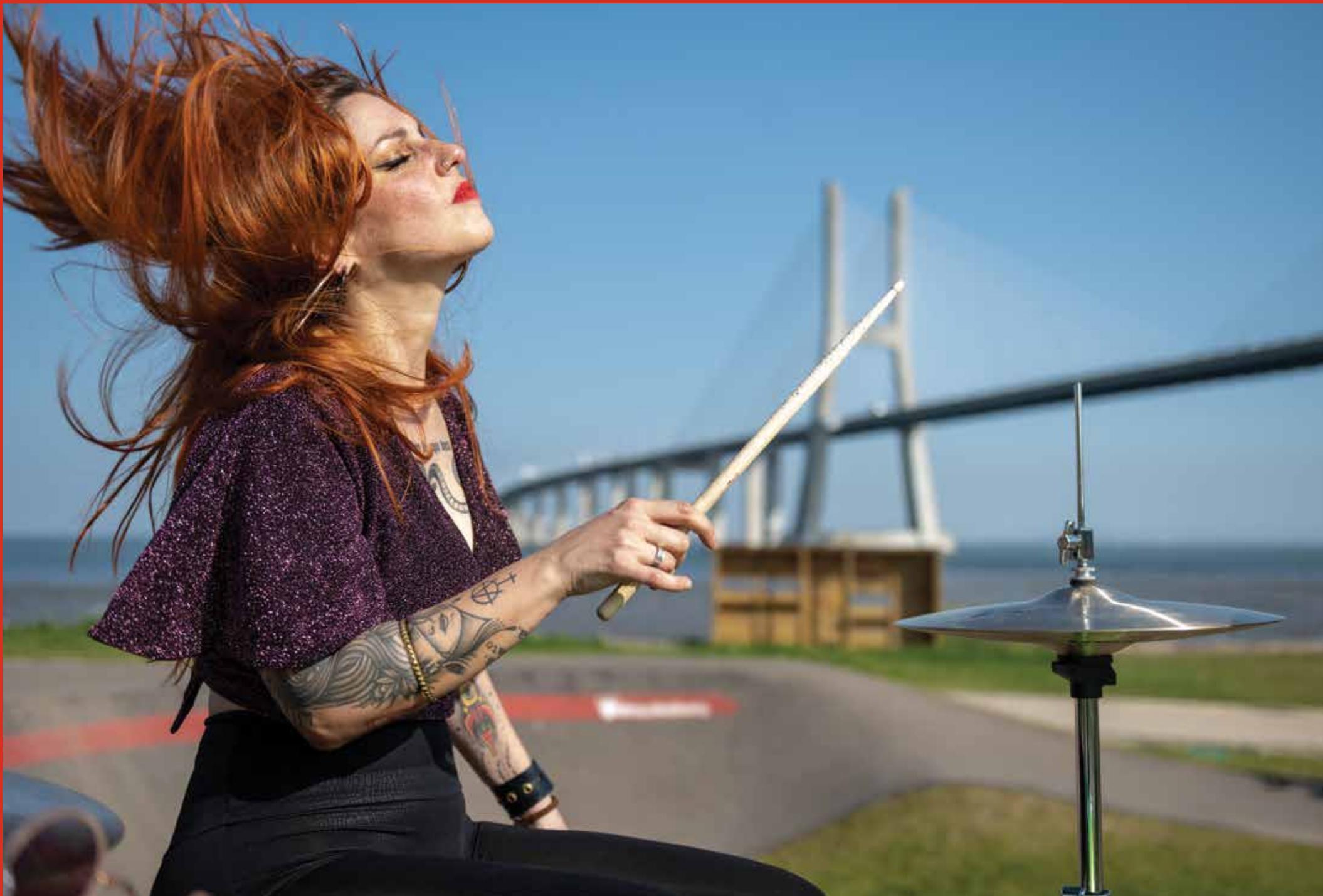
Também abrangido pelo Lisboa Protege, existe uma linha com uma dotação global de 500 mil euros para promover a instalação ou melhoria de esplanadas (já isentas da taxa de ocupação da via pública), com a aquisição de mobiliário, proteções e separadores, cuja comparticipação pode chegar aos 50%. Nalgumas zonas da cidade, a pedonalização de algumas vias tem também o objetivo de ampliar a área e garantir a fruição de esplanadas em segurança.

Ainda no âmbito do Lisboa Protege, existe um fundo para acudir com 500 euros a cada um dos quatro mil trabalhadores do setor do táxi, gravemente atingido pela quebra de passageiros. Em inícios de abril, cerca de 1700 motoristas de táxi já haviam entregue o seu pedido e 850 já tinham recebido o apoio.

Amparar as famílias e reforçar as instituições solidárias

Logo em março de 2020 foi decidida a suspensão do pagamento de rendas em todas as casas municipais (abrangendo 70 mil moradores) durante três meses – e o seu posterior pagamento em prestações, sem juros; ou a redução do valor das rendas, em função do rendimento disponível do agregado. De então para cá, outras ajudas foram postas em prática, destacando-se o programa do Subsídio Municipal ao Arrendamento (que, anteriormente, já tinha abrangido cerca de mil famílias), e que, reaprovaado em março, disponibilizou mais 500 mil euros (totalizando um investimento de 2,7 milhões) para ajudar quem, com menos recursos, tenha uma taxa de esforço igual ou superior a 30% do seu rendimento no mercado privado de arrendamento, incluindo os arrendatários do Programa Renda Acessível. Ainda em março, a Câmara também aprovou a Tarifa Social da Água, podendo as famílias poupar, em média, 10 euros por mês.

A nível escolar, logo no primeiro confinamento, emprestaram-se computadores portáteis a 3300 alunos, para ensino à distância. Optou-se também pela manutenção em funcionamento de algumas escolas durante as interrupções letivas, para acolher os filhos de profissionais de serviços essenciais que os não podiam acompanhar em casa, e pela continuação da entrega de refeições gratuitas aos ➤



PORTEFÓLIO

Catarina Henriques

A baqueta e a caneta as “são duas poderosas ferramentas” com que Catarina Henriques (também conhecida como Katari) se afirma no mundo. No ano passado, integrou os Legendary Tiger Man como baterista, mas a crise pandémica veio adiar projetos. É também baterista nas Anarchiks, uma banda feminina. Nasceu no Campo dos Mártires da Pátria e descreve-se como “uma moça da classe operária, rapariga regular com alguns picos de emoção às sextas-feiras”. A formação em publicidade, na Escola Superior de Educação de Setúbal, veio ao encontro do seu gosto pela escrita. Como *copywriter*, ganha a vida “a fazer trocadilhos e a contribuir para a grande máquina do capitalismo”. À caneta, juntou-se a baqueta e, com a baqueta, surgiu o seu alter ego, a Katari, que tem “superpoderes e é imortal, robusto e cheio de sonhos; é a liberdade criativa e artística.” O ritmo já vem de pequena, quando ouvia o avô a “tocar colheres enquanto fazia *beats* com os pés e com as mãos a bater nas pernas.” Mas foi muitos anos mais tarde que “montou” pela primeira vez uma bateria: “senti logo uma grande empatia com o instrumento – até ouvi um coro de vozes celestiais a ecoar na sala de ensaio.” A pandemia veio “cavar uma sepultura para a cultura”, “algo fundamental para a nossa identidade, valor e sanidade coletiva”. As bandas procuram manter-se à tona na criação de músicas, mesmo sem ensaios, “vender *merchandising* para pagar a gravação do próximo álbum...” e, com um futuro incerto, “continuar a imaginar o que faremos quando a tempestade passar”. À Catarina, como aos outros elementos destas duas bandas, valem as profissões paralelas, no fundo o seu ganha pão. O trabalho de copy não lhe tem faltado: “nem percebo bem porquê, mas estou agradecida.” ● PC

▶ alunos com apoio social, do jardim de infância ao 12º ano, mesmo durante o encerramento.

Para as pessoas isoladas, sem rede de suporte familiar, existe também um Serviço Municipal de Teleassistência, 24 horas por dia, sete dias por semana, para confortar quem vive em solidão ou se encontra em situação de vulnerabilidade ou dependência. É um serviço gratuito, operado pelo Regimento de Sapadores Bombeiros, que instala na residência do utente um equipamento telefónico, dependendo apenas do pedido de adesão, solicitado através da Câmara, das juntas de freguesia ou dos parceiros da Rede Social de Lisboa. Já foram instalados 1350 daqueles equipamentos, abrangendo cerca de 1440 pessoas. Um grupo de voluntários e de técnicos especializados pode, a partir destes contactos, proceder a um acompanhamento de maior proximidade deste segmento vulnerável da população.

Nesta segunda fase (Lisboa Protege +) o programa também reforçou o apoio às instituições de solidariedade social, no valor de 7 milhões de euros, e prosseguiu o financiamento de vários programas locais e de juntas de freguesia que apoiam as famílias com perda de rendimentos, alocando para isso 2,5 milhões de euros.

Também novidade, nesta tranche de apoios, é a inclusão das coletividades locais, com fins altruísticos, tendo já sido entregues cerca de 270 mil euros.

Apoio alimentar

Desde o início da pandemia que a autarquia, as juntas de freguesia, diversas associações, a Santa

No total, são confeccionadas na cidade mais de 10 mil refeições diárias para a população mais carenciada e, com entrega ao domicílio, para doentes crónicos e idosos com dificuldades de locomoção.

Casa da Misericórdia e outras instituições de solidariedade social operacionalizaram no terreno ações de apoio alimentar, cuja distribuição é feita por meios próprios e pelo recurso ao voluntariado. Agora, o programa Apoio Alimentar, dotado com um investimento de seis milhões de euros no âmbito do Lisboa Protege, é um dos principais apoios para os que viram a pandemia afetar drasticamente a sua situação laboral, referenciados pelas juntas de freguesia. Em colaboração com 29 entidades parceiras na Rede Social Lisboa, são confeccionados e distribuídos diariamente *kits* de refeição a cerca de 4200 pessoas. De junho de 2020 até início de abril de 2021, foram distribuídas quase 1,1 milhões de refeições.

Uma iniciativa inovadora veio também associar-se a este programa de apoio alimentar: restaurantes aderentes confeccionam *kits* de refeições em *takeaway* durante os fins de semana, o que serve também o propósito de estimular a atividade de restauração local. A Câmara suporta os custos das refeições. Em colaboração com a AHRESP, a associação do setor, aderiram quase duas centenas de estabelecimentos, tendo já sido entregues (inícios de abril) cerca de 30 mil refeições às famílias indicadas pelas juntas de freguesia.

No total, são confeccionadas na cidade mais de 10 mil refeições diárias para a população mais carenciada e, com entrega ao domicílio, para doentes crónicos e idosos com dificuldades de locomoção.

População sem abrigo

A população sem abrigo foi alvo prioritário de medidas de auxílio desde o primeiro momento. Por questões sanitárias, houve que retirar das ruas aqueles que mais expostos estavam à propagação do vírus. Para o efeito, foram criados diversos centros de acolhimento de emergência, onde, a par de teto para pernoitar, lhes foram fornecidas as refeições, vestuário, meios de higiene e atividades lúdicas. Aí foram testados e sujeitos a triagens médicas. O Pavilhão do Casal Vistoso chegou a albergar mais de duas centenas. Estima-se que existam cerca de três centenas e meia de pessoas que estejam, num dado momento, a viver nas ruas da cidade. São assistidas diariamente por equipas municipais e por voluntários de diversas associações, que também lhes fornecem refeições quentes. Com o progressivo retorno dos centros de emergência às ▶

CLIENTES DESCOBREM LOJAS DE BAIRRO

AS PESSOAS QUEREM lojas nos seus bairros. A tendência já se vinha a notar, mas a pandemia acabou por favorecer a procura de bens e serviços no comércio de proximidade. Sensação de maior segurança e solidariedade local vieram em benefício de pequenos comerciantes. É o caso da Mundimariscos. Em pleno bairro do Alto de Santo Amaro, bem próximo do jardim e numa zona predominantemente residencial, Domingos Almeida instalou há quase 20 anos uma loja de produtos congelados que tem resistido à crise. Peixe congelado, mariscos, salgados, legumes ou sobremesas, há um pouco de tudo ali. “Não nos podemos queixar”, diz-nos o proprietário, homem vivido de 78 anos que nasceu em São Pedro do Sul e aos 12 anos começou a trabalhar numa fábrica de tecidos, emigrou depois para África e, regressado, teve outros negócios, incluindo um restaurante ali bem próximo. Criou um sistema de descontos associado ao volume de compras, e isso permitiu-lhe atrair e fidelizar clientela; salienta que assim consegue mesmo concorrer com as grandes superfícies. “Há muita gente que se percebe que vem aqui fazer compras para o mês e, também, para dar aos filhos”.

Na loja conta com uma empregada e a filha em permanência; nas horas vagas também o filho, professor de Educação Física, dá uma ajuda. ● **JOSÉ MANUEL MARQUES**



FOTO: CARLOS MORAIS DA SILVA

Hélder Moutinho

“Quando, em março, recomeça o movimento de clientes, vem o primeiro confinamento.” De portas fechadas, Hélder Moutinho, fadista, poeta e empresário ao serviço do fado e da música portuguesa, lançou-se na procura de alternativas. “Nos meses de verão, inaugurei a esplanada” na Maria da Mouraria, “onde consegui 50 a 60 pessoas por dia, o que veio ajudar-me nos meses em que estivemos fechados.” Depois, com Associação das Casas de Fado de Lisboa e a Associação de Turismo de Lisboa, apresentou à Câmara o projeto de um documentário sobre o mundo do fado, que irá passar na RTP. “O projeto foi muito bem acolhido. É importante haver um documento exaustivo sobre o fado, sobre as casas de fado, sobre os fadistas, como eles cantam, sobre o mundo do *gueto*. Também retrata a vivência social da cidade. Lisboa é provavelmente a cidade do mundo que mais tem a sua própria música a tocar ao vivo.” Contam-se mais de cem locais “A saída do *gueto*, que são as casas de fado, deu-se quando começaram a participar fadistas no circuito Músicas do Mundo.” Outro grande impulso foi a Expo’98, que colocou o fado em vários festivais internacionais. “Também faço parte de uma organização de fado em Nova Iorque, que tem o apoio do consulado de Portugal em Newark.”

E de futuro? “Reabrir as casas, a Maria da Mouraria e a Vinhos e Petiscos, que tenho com a Bela. Mas na calha está também a Tasca do Faísca, um restaurante virtual com serviço de catering. “Uma coisa de comida de conforto”, até porque “o mundo já não volta a ser o que era e, com esta pandemia, o desenvolvimento tecnológico veio permitir reinventar negócios”. ● PC

FOTO: CARLOS MORAIS DA SILVA



RECEBER E RETRIBUIR

“UM NOVO ALENTO”

ABRIU PORTAS EM JANEIRO do ano passado, em autêntico período pré-pandémico, com o objetivo de trazer cultura, arte e cozinha canadiana para Portugal. É o Kanuk, na avenida António Augusto de Aguiar, gerido por António Gomes, que emigrou para o Canadá por amor e regressou a Lisboa três décadas depois para concretizar o projeto de uma vida.

No início chegaram a servir entre 40 a 50 refeições diárias, mas tudo mudou em março. As portas estiveram fechadas até junho, mês que marcou uma reabertura “sem saber o que esperar, mas adaptámo-nos, cumprimos todas as regras de segurança e as pessoas voltaram.”

Fizeram uma parceria com uma instituição que ajudava a população sem abrigo de Lisboa, confeccionando cerca de 300 refeições, “porque há que retribuir aos outros o que a vida nos dá”.

Em janeiro deste ano o Kanuk encerrou de novo e, de seguida, o seu proprietário adoeceu com Covid. “Foi uma pressão emocional e financeira enorme, até que recebi a carta da Câmara de Lisboa com a resposta do apoio do Lisboa Protege. Foi, diz, “um respirar de alívio” que trouxe “novo alento e força para continuar.” A verba tem ajudado a pagar as despesas correntes como a água, luz, mas sobretudo a regularizar os salários dos trabalhadores.

Entretanto começaram a fazer *takeaway* e aguardam a segunda tranche do apoio, que, segundo António Gomes, vai ser investida no Mercado 31 de Janeiro para comprar os ingredientes indispensáveis para esta nova etapa. ☺

JOSÉ MANUEL MARQUES



FOTOS: ANA LUÍSA ALVIM; CARLOS MORAIS DA SILVA

APOIO AO COMÉRCIO QUANDO O ONLINE NÃO CHEGA



O APOIO A FUNDO PERDIDO recebido da autarquia veio em “boa altura”, afirma Jorge Dias, proprietário da Louie Louie Lisboa, uma loja instalada nas Escadinhas do Santo Espírito da Pedreira, ao Chiado, que vende filmes e discos novos e usados. Ali é possível encontrar cd’s, dvd’s e discos de vinil, dos clássicos aos novos lançamentos. “Uma loja essencialmente virada para colecionadores de música.”

Esta sucursal da originária Louie Louie do Porto está instalada em Lisboa há 13 anos, e tem tudo a ver com o passado do seu proprietário: “foi um vício que se tornou um modo de vida”.

“Temos estado aqui aos altos e baixos, com *spotify*s, crises financeiras, mas temos conseguido aguentar-nos. Agora com a porta fechada é que é mesmo difícil”. Antes da pandemia faziam cerca de 30 vendas por dia, explica, “com a loja fechada fizeram algumas vendas *online*, mas muito pouco.” Mas Jorge não baixa os braços porque acredita “que a loja tem futuro”, e os apoios do programa Lisboa Protege serão uma ajuda. ☺ JOSÉ MANUEL MARQUES

Até ao final de 2020, através da programação própria ou da empresa municipal EGEAC, foi reforçada a contratação de agentes culturais, num montante global de 5,9 milhões de euros.

- ▶ suas funções originais (de pavilhões desportivos, nomeadamente), a autarquia e as associações suas parceiras têm vindo a lançar outras respostas de acolhimento mais consistentes (Residência Solidária de Lisboa, apartamentos do projeto Housing First, apartamentos de transição, novo centro de acolhimento).

Cultura, proteger a alma da cidade

Os agentes do setor cultural foram dos mais fortemente afetados pelos confinamentos. Concertos cancelados, exposições adiadas, bibliotecas e museus encerrados, desativada a música ao vivo em bares e salas de espetáculo, teatros sem público, rodagens de filmes paradas, livrarias fechadas... Dos artistas conhecidos do grande público aos artistas de rua, passando por atores, pintores, escultores, escritores, até aos promotores de espetáculos, técnicos de som e luz, de montagem de palcos, todos ficaram sem possibilidade de expressar a sua arte ou a sua técnica. E sem rendimentos para subsistir.

Houve quem encontrasse formas engenhosas para poder continuar a exprimir-se, nas redes sociais e outras plataformas digitais (a última edição da Moda Lisboa, por exemplo, realizou-se *online*), cantando à janela ou remetendo livros e discos pelo correio. Outros juntaram-se em iniciativas e projetos coletivos para, entre confinamentos, reduzir custos e ampliar receitas. Mas isso, sobretudo nos confinamentos, não chega para pagar a renda ou as contas ao fim do mês. Muita gente daquela que era uma vibrante atividade (as chamadas indústrias culturais e criativas têm um peso importante na vida económica da cidade) viu-se, de repente, sem meios de subsistência. E, sem a arte e a cultura, sem o “pão” ▶

INVESTIR DURANTE A CRISE

EMPRESAS NASCIDAS EM PANDEMIA

LÁ PARA OS LADOS de Telheiras andam coisas nunca vistas. Nada de sobrenatural ou marciático, muito pelo contrário: são chamuças de várias cores e sabores, doces, salgadas, picantes, amarelas, vermelhas, verdes ou pretas, para sobremesa ou prato principal. Uma ideia de Shahid Merali (foto da página da direita), que ao percurso académico na área das Tecnologias de Informação juntou o gosto pela cozinha e fez nascer, em pleno período pandémico, “A Chamuçaria”.

Começaram as obras no início de março do ano passado, duas semanas antes do primeiro estado de emergência, e abriram em julho. As incertezas da pandemia não foram suficientes para retrair Shahid, “o investimento estava feito”, diz.

Dispondo de uma grande mesa comunitária para consumo no local, o restaurante foi também pensado “à medida dos novos desafios do quotidiano”, virado muito para o *takeaway* e serviço de entregas.

E como tem corrido? A resposta não podia ser mais clara: “temos dias muito bons e outros muito maus. É tudo muito imprevisível, não há nenhuma sequência, não há nenhuma lógica.” Quanto ao futuro, “sabemos do potencial que temos e ainda não estamos próximo dele, mas sentimos que estamos a chegar lá, mas muito mais devagar do que se não houvesse pandemia.”

De origem indiana pelos avós, moçambicana pelos pais e nascido em Portugal, este empreendedor de 41 anos juntou os saberes das duas gerações progenitoras ao seu espírito inovador e fez nascer este espaço autêntico e único, que conta ainda com uma mercearia onde é possível adquirir aperitivos e picantes.

Quanto às chamuças, as principais protagonistas do restaurante, ultrapassam todo o imaginário. De frango, cabrito, camarão, choco e lulas, de peixe, batata picante, vegetais e lentilhas, de chocolate negro picante, creme de maçã ou a cremosa do *chef*. Coloridas, já se sabe, mas com corantes naturais e sem alimentos processados à mistura nem conservantes, afiança Shahid.



Mesmo à porta

Do outro lado da cidade, no Parque das Nações, encontramos o At Your Door.

Não é um restaurante, mas garante a entrega gratuita de comida caseira em casa ou no escritório. At Your Door é o resultado de uma família que se reinventou e aproveitou o gosto pela cozinha para um negócio que corre de vento em popa.

Pedro Martins tem 66 anos e é advogado, Rosário Lourenço tem 57 e é psicóloga. “Há cerca de dois anos ela ficou desempregada e como gostávamos de cozinhar veio a ideia”, conta Pedro. Na verdade o serviço arrancou pouco antes da pandemia, explica, no início era direcionado sobretudo para pessoas conhecidas.

O confinamento acabou por constituir, estranhamente, uma “feliz” coincidência para a At Your Door, pois é sobretudo com o aumento do teletrabalho que começaram a ter mais procura. Com a ajuda do filho Martim, criaram uma página na Internet e no Facebook, o “passa-palavra” ajudou e, salienta, “as pessoas gostaram da qualidade. Temos duas famílias a quem fornecemos diariamente refeições há mais de um mês.”

A área de entregas é no Parque das Nações e Pedro sublinha que não têm intenções de aumentar a escala. A ideia é ter um serviço familiar, de qualidade e com comida caseira, explica. Não têm empregados, cozinham os dois e responsabilizam-se pelas entregas. “Dá-nos muito gozo, dá trabalho mas dá gozo”, remata o advogado-cozinheiro que continua ligado profissionalmente às lides causídicas.

Quanto ao futuro, “só não será para continuar, se crescer muito, ou não crescer nada.”

JOSÉ MANUEL MARQUES

► do espírito”, a cidade fica mais pobre e somos todos atingidos.

Para minorar o impacto negativo, que se adivinhava forte, na produção cultural, a autarquia decidiu, logo em março de 2020, proceder ao pagamento integral dos contratos que havia celebrado, promovendo a recalendarização de programações quando possível. Em abril desse ano, isentou de pagamento de rendas 141 espaços municipais funcionando na esfera da cultura (artistas e instituições), e criou um fundo para aquisição de obras de arte contemporânea (a 22 artistas, no valor de 150 mil euros) e de livros para a Rede das Bibliotecas (compras de milhares de livros a 27 livrarias, no montante de 380 mil euros até ao final do ano passado); uma iniciativa semelhante para apoiar a arte pública está agora em curso. As três linhas de apoio financeiro do Fundo de Emergência Social – Vertente Cultura (uma para profissionais independentes, outra para entidades e outra para projetos) ascenderam a 1,4 milhões de euros nas atribuições concretizadas até final de junho do ano passado.

Durante 2020, através da programação própria ou da empresa municipal EGEAC, foi reforçada a contratação de agentes culturais, num montante global de 5,9 milhões de euros. Além disso, foram atribuídos cerca de 685 mil euros em apoios a Casas

de Fado (31 estabelecimentos, para cerca de 200 artistas), 200 mil euros para reforço da programação do Museu do Fado e 600 mil euros a salas de música ao vivo (12 espaços, programa Circuito). Até ao final do ano, somando os diversos mecanismos de apoio às verbas do Fundo de Emergência Social, a autarquia disponibilizou um total de 2,826 milhões de euros para apoiar projetos de diversos concursos, cobrindo 377 candidaturas aceites, incluindo as de muitos trabalhadores independentes e entidades culturais e criativas em dificuldade económica.

Já este ano, sob a cobertura do programa Lisboa Protege, um fundo de apoio às atividades artísticas e culturais atribuiu a 264 candidaturas aprovadas quase 1,5 milhões de euros, até final de março. Está ainda prevista uma verba de 650 mil euros para auxiliar seis salas de espetáculos centenárias, como a Casa do Alentejo e o Coliseu. As empresas culturais e os empresários culturais em nome individual podem concorrer aos apoios a fundo perdido do Lisboa Protege (do mesmo modo que as empresas de outros setores de atividade contemplados), tal como as associações e as instituições sem fins lucrativos.

Um programa para ancorar a cidade e apoiar os cidadãos

Até março deste ano a autarquia já havia investido cerca de 200 milhões de euros no combate aos efeitos da pandemia. Passava um ano desde que fora reforçado o Fundo de Emergência Social (FES) e se tomaram as primeiras medidas extraordinárias de apoio às famílias, às empresas, ao emprego, à cultura e ao setor social. Em dezembro, o programa Lisboa Protege dispunha de um orçamento global de 90 milhões de euros, reforçado posteriormente com o Lisboa Protege +, que inclui mais 20 milhões a fundo perdido destinados ao comércio, à restauração e à cultura. Somados os 25 milhões de euros do FES aplicados no primeiro confinamento, a Câmara alocou 135 milhões de euros no combate direto aos efeitos da pandemia, para além de outros investimentos indiretos (como as transferências para a CARRIS, a única operadora de transportes que aumentou a sua oferta, de modo a garantir maior distanciamento entre os passageiros).

O programa municipal Lisboa Protege, mais do que um paliativo para as aflições, passadas e presentes, representa a esperança de uma cidade com os olhos postos no futuro. ●

As três linhas de apoio financeiro do Fundo de Emergência Social – Vertente Cultura, (uma para profissionais independentes, outra para entidades e outra para projetos), ascenderam a 1,4 milhões de euros nas atribuições concretizadas até final de junho do ano passado.

1.088.160

refeições distribuídas (junho 2020 - março 2021)

2,433

milhões de euros
no apoio às famílias
(maio 2020 - março 2021)

1,297

milhões de euros
no apoio municipal a IPSS e outras
entidades de solidariedade social

10,5 milhões de
euros em apoios
extraordinários
à cultura (2020)

(FES, Lisboa Protege e outros mecanismos)

> 21

milhões de euros no
apoio a empresas

(72% do total com entrada até 31 de março)

PRINCIPAIS
SETORES
DE ATIVIDADE
APOIADOS

restauração
52%

comércio
a retalho
25%

serviços
10%

cultura
7%

1,49 milhões de euros para 264 candidaturas na
área da cultura (este ano, até março de 2021)

A photograph of two men sitting on a stage in a dark room with red lighting. The men are wearing dark clothing and glasses. The stage is lit with several spotlights, and the background is dark with some equipment visible. The overall atmosphere is dramatic and focused.

“MUITAS DAS
CONSEQUÊNCIAS
DO QUE ESTAMOS
A VIVER TEREMOS
DE AS PERCEBER
MAIS TARDE.”

INCÓGNITAS, RESISTÊNCIA E FUTURO DA CULTURA, PELA VOZ DE GONÇALO RISCADO

Gonçalo Riscado é produtor e programador cultural e gere vários espaços e projetos em Lisboa como o MusicBox (na imagem), o Festival Silêncio e o MIL - Lisbon International Music Network. Com mais de 15 anos de experiência na área, acredita no associativismo, no trabalho em rede e na força das iniciativas culturais “de base”.

ENTREVISTA POR
NUNO MIGUEL GUEDES*

FOTOS DE
NUNO CORREIA

Entrevista

Com a pandemia, a vida noturna da cidade associada aos espaços de cultura, onde se iniciam muitos artistas e se descobrem novas tendências, ficou seriamente comprometida. “Não é possível planejar, nada é previsível”, diz Gonçalo Riscado. Apesar disso, houve iniciativas bem-sucedidas num setor que tentou, de todas as formas, continuar ativo.

NUNO MIGUEL GUEDES *Estamos aqui numa sala que conhece bem, o Musicbox. E para começo de conversa gostaria de te perguntar: o que sentes ao olhar esta sala que tantos concertos teve, tantas memórias, e agora está vazia há tanto tempo?*

GONÇALO RISCADO Não é um sentimento bom. O Musicbox para nós – na nossa estrutura e na nossa empresa – tem um papel central. É um projeto que temos há muito tempo e aquele que nos tem permitido ter uma equipa a trabalhar em permanência no setor cultural, nas áreas de programação, comunicação, produção... São muitas coisas que passam por aqui e outras que transcendem o Musicbox. É o nosso pulmão que está parado desde 13 de março. É angustiante. Tem uma coisa boa, cheira menos a tabaco [risos].

NUNO MIGUEL GUEDES *Até que ponto esta pandemia vos afetou, não só em termos financeiros mas também na vida e programação cultural?*

GONÇALO RISCADO Afetou-nos muito como afetou muito a cidade de Lisboa e com consequências que ainda estamos para saber quais são. Quando fechámos em março, cancelámos também o MIL [Lisbon International Music Network], o nosso festival e convenção. Foi um processo violentíssimo e continua a ser. Está quase a fazer um ano em que estamos nesta situação e

as atividades que temos conseguido fazer são muito pontuais, de sobrevivência, de resistência. Mas como disse, muitas das consequências do que estamos a viver teremos de as perceber mais tarde. Não falo apenas da parte financeira, dos projetos que vão acabar e dos profissionais do setor da cultura e da economia noturna que ficaram sem trabalho. Falo também dos novos artistas, dos que estão a começar: o que é que este período de interregno de confiança irá significar para eles? A quantidade de primeiros discos e de primeiras bandas que iriam surgir e que foram interrompidos... Que impacto é que tudo isso irá ter? Estamos agora a conversar, mas a incerteza é tanta que amanhã já poderemos ter outras perguntas e outra opinião. Não é possível planejar, nada é previsível.

NUNO MIGUEL GUEDES *Apesar de tudo, e como disseste, têm tido alguma atividade.*

GONÇALO RISCADO Depois de tudo fechado tentámos continuar ativos. Fizemos uma edição especial em formato digital do *Lisboa Capital República Popular*, que é o nosso jornal... Assim que foi possível montar qualquer coisa fizemos um *takeover* ao teatro municipal de São Luiz com programação de música que durou duas semanas. Foi muito interessante e foi muito bom o São Luiz ter conseguido acolher-nos, já que estava a meio de um ensaio de uma peça. Foi importantíssima esta ligação entre o setor público e o setor privado, entre o circuito mais *underground* e o mais estabelecido. Vão ser colaborações fundamentais para os próximos tempos. Além disso, tivemos algumas atividades do MIL *online* e no verão conseguimos abrir o *pop-up* Casa do Capitão, um projeto que temos para o Beato para daqui a um ou dois anos. Tudo isto parece fruto de planeamento mas não: era conforme as possibilidades que iam aparecendo. Houve um terraço disponível e fizemos.

NUNO MIGUEL GUEDES *Sentiste nesta altura uma maior cooperação entre os agentes culturais?*

GONÇALO RISCADO A minha experiência é de grande proximidade e colaboração. Será das poucas coisas boas que a pandemia nos terá trazido. Conseguimos pôr de pé uma associação – a Circuito – que junta 27 salas do país inteiro. Basicamente o que começámos a fazer foi juntar os clubes e

“Falo também dos novos artistas, dos que estão a começar: o que é que este período de interregno de confiança irá significar para eles?”

— GONÇALO RISCADO



as salas que têm programação de música própria. Estamos a falar das salas onde os artistas começam, abertas à diversidade de estilos. Estas salas são fundamentais porque são o viveiro dos artistas e que alimentam os processos criativos e de experimentação. Estamos a lutar não só pelo reconhecimento destas salas como essenciais, como também pelo seu financiamento. Ainda não o conseguimos, mas é um trabalho que está a correr bem, sobretudo a questão do reconhecimento. A nível nacional tem sido difícil, até à data, colocar este circuito na emergência dos apoios ao setor. Já em Lisboa houve um papel incrível de reconhecimento da importância deste circuito na vida cultural da cidade e na atratividade da cidade. É já sabido, porque foi estudado, que os *grassroots* [estruturas culturais de base] desempenham um papel fundamental para a cidade também a nível económico. Tivemos um apoio importantíssimo em dezembro passado por parte da autarquia que nos permitiu cobrir os custos fixos que não estavam cobertos por nenhuma outra medida de apoio – *lay offs*, por exemplo – e que estavam a matar este espaço da cidade, ao mesmo tempo que nos permitiu desenhar um programa cultural que se irá apresentar logo que possível: 120 espetáculos nas 12 salas envolvidas. As salas irão abrir mesmo sem fins lucrativos, mas esta atividade é importante para técnicos, artistas e para prosseguir uma lógica de programação na cidade e retomar a confiança de público e artistas.

NUNO MIGUEL GUEDES *Falaste há pouco num apoio que consideraste importante para a atividade do setor. Mas gostaria de saber a tua opinião mais alargada sobre a resposta institucional que foi dada: se é suficiente, se pode ser melhor?*

GONÇALO RISCADO Se é suficiente? Não. Ainda há muitas incógnitas. Mesmo os apoios apresentados pelo Ministério da Cultura ainda são omissos sobre o que se irá materializar nesta altura em que falamos. O setor da cultura em Portugal é muito mal tratado, está completamente desprotegido. Há um desinvestimento que é gritante e crónico. Há uma falta de preparação política, de atualização política – enfim, falta de formação contínua, para quem decide poder englobar aquilo que são estratégias para o setor cultural nas políticas nacionais. Só isso é que justifica

“Tivemos um apoio importantíssimo da autarquia que nos permitiu cobrir os custos fixos que não estavam cobertos por nenhuma outra medida de apoio.”

— GONÇALO RISCADO

o orçamento que está disponível e que não se perceba ainda que o impacto dar cultura na área social, na educação, na saúde ou na economia é gigantesco. A médio ou longo prazo este investimento é crítico. Poderíamos mesmo falar da importância da área cultural na solidificação das democracias, agora que vivemos sob a ameaça de populismos e extremismos.

NUNO MIGUEL GUEDES *Porque é que esse investimento ainda não foi feito?*

GONÇALO RISCADO Não foi por maldade [risos]. Precisamos de pensar o que é o investimento no setor cultural. Estamos a falar de formação, de como é que se põem as pessoas a praticar e a participar. Esse processo tem de vir através de estruturas já existentes, mas também tem de envolver e apoiar uma série de estruturas locais e regionais onde a prática cultural tem de acontecer e muito. É isto que não está a acontecer. Se estou otimista? Não estou. Ainda ontem estava a ler o documento da dita *bazuca* europeia – que acho fundamental – e não encontrei uma frase sobre o setor da cultura.

NUNO MIGUEL GUEDES *Regressemos agora à Cultural Trend Lisbon (CTL) que estás a representar. A que se propõe a CTL? Apoiar novos artistas, criar viveiros de criação...?*

GONÇALO RISCADO A base da CTL foi a criação de uma estrutura que pudesse fazer projetos na área da cultura e que tivesse uma equipa e uma autonomia que não dependesse exclusivamente de

apoios ou subsídios. Às vezes temos mais recursos e fazemos mais coisas, outras menos. Quando decidimos criar a CTL eu já tinha um percurso com o Alex [Alex Cortez, sócio fundador] na área da edição e da organização de festivais e outros. Criámos a CTL para fazermos projetos culturais em que acreditamos: o Musicbox é um espaço para dar palco a artistas novos e não tão novos e para apoiar processos criativos e de experimentação. É também um espaço de circulação de artistas emergentes europeus, integrado na organização Live Europe, de que somos os representantes portugueses. Trabalhámos também noutros setores que não a música, como o nosso saudoso Festival Silêncio, dedicado à palavra de forma multidisciplinar, e que depois veio a ter uma vertente de envolvimento da comunidade aqui do Cais do Sodré, e que contava com os moradores, cafés, lojas, clubes, tudo.

NUNO MIGUEL GUEDES *E agora, já com projeção no futuro próximo, existe a Casa do Capitão.*

GONÇALO RISCADO Sim. Nasceu da procura de um espaço onde pudéssemos concentrar a diversidade da nossa programação cultural mas também trabalhar públicos de forma transgeracional.

Há a vontade de misturar os públicos de dia, os públicos infantis e juvenis... No Hub Criativo do Beato havia um espaço que estava pensado para ser um lugar de programação e propusemos desenvolver um projeto chamado a Casa do Capitão. Estamos agora a acabar a parte de arquitetura e de especialidades e iremos conseguir ter um espaço com muitas zonas de programação: uma sala maior do que o Musicbox e mais versátil para receber artes performativas, *clubbing*, conferências... Teremos outras zonas para debates, uma microlivraria, espaços para *workshops* e programação infantil, um terraço fantástico que acolherá outra programação... A ideia é ter um microcentro cultural, se possível próximo da comunidade do Beato. Esse é um grande desafio a que nos propomos: como é que estas grandes intervenções conseguem interagir com os bairros sem os destruir. Estamos a pensar abrir portas entre junho e setembro de 2022 e estamos confiantes que estaremos juntos, próximos e sem medo. 🍷

* Nuno Miguel Guedes é jornalista e argumentista *freelancer*. Iniciou-se no *Jornal de Letras* e esteve no *O Independente* desde a sua fundação. Mais tarde, foi cofundador da revista Kapa. É membro regular do coletivo Lisbon Poetry Orchestra.

Bip

Cidade sem fronteiras Uma

cidade saudável e coesa constrói-se também numa escala local, nos bairros onde as pessoas estão, onde habitam, ouvindo as suas necessidades e os seus projetos de mudança. Em 67 bairros e zonas de Lisboa, distribuídos pelas várias

áreas da cidade, está em curso

Anos

o Programa Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária (BIP/ZIP), que comemora este ano 10 anos de existência. Os dez “rostos” das páginas seguintes celebram os 10 anos do programa. Um por cada ano (2011-2020). Pessoas para quem as atividades em que participaram fizeram a diferença.

10

TEXTOS DE LÚCIA VINHEIRAS ALVES, RITA DUARTE BARBOSA, SARA INÁCIO E SUSANA PINA

Zip



Pertencer à comunidade

Projeto AL Mouraria [Apoio Local Migrantes]

Tema central Migrantes

Onde Mouraria

Principal Promotor Associação Renovar a Mouraria

Participação autárquica 50 000 euros

Larib Mujahid

21 ANOS

Estudante (cozinheira nas horas vagas)
MOURARIA

Em pleno bairro da Mouraria, ouve-se música a ecoar das janelas e cheiram-se diferentes especiarias. Considerado um dos bairros mais multiculturais de Lisboa, é aqui que mora Larib Mujahid e a sua família. Vindos do Paquistão há três anos, foi na Mouraria que escolheram viver à procura de uma vida melhor.

A língua foi um dos entraves com que a jovem paquistanesa se debateu em terras lusitanas. É aqui que entra o papel da associação Renovar a Mouraria — e que jus faz ao nome. A Mouraria que percorremos hoje é bem diferente daquela que encontrávamos há meia dúzia de anos. A associação tem tido um papel importante na integração das comunidades migrantes e na inclusão social.

Neste bairro — que mais parece uma pequena vila — não foi difícil para Larib ouvir falar desta organização. Aos 21 anos, sabe muito bem para onde quer ir: «Quero ser médica para ajudar os outros. Para isso, preciso de aprender português para conseguir entrar no curso de medicina. No entanto, aprender português é muito difícil. Uma só palavra pode ter muitos significados». Graças ao curso que frequentou e, especialmente, às professoras Bárbara e Ana, consegue perceber praticamente tudo em português.

Nos tempos livres, Larib adora cozinhar e está, neste momento, a tirar um curso de pastelaria. O gosto pela cozinha herdou-o dos pais: «Nós usamos muitas especiarias, não muito fortes, mas a comida paquistanesa é deliciosa», algo que pudemos comprovar. No que toca à gastronomia portuguesa, ainda não se aventurou muito: «Eu gostava de aprender a cozinhar pratos de bacalhau». Pela sua resiliência, não temos dúvidas de que o conseguirá fazer.

Portugal já ganhou um lugar no coração de Larib: «Para mim, a melhor parte de viver em Portugal são as pessoas. Independentemente de nos conhecerem, cumprimentam-nos na rua e ajudam-nos, se for preciso. As pessoas são muito simpáticas». Devido à Renovar a Mouraria, Larib fez amizades improváveis com pessoas de várias nacionalidades. Neste bairro, onde se ouvem falar múltiplas línguas, o sorriso continua a ser a linguagem universal compreendida por todos. **RDB**

FOTO
Ana Sofia
Serra



Lutar pela igualdade

Projeto Ser Humano – Itinerário para a Igualdade de Género

Tema central Igualdade

Onde Agrupamentos de escolas com alunos provenientes dos Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária (em Marvila, Chelas, Olaias, Mouraria e Alfama)

Principal Promotor Associação Mulheres na Arquitetura

Participação autárquica 42 910 euros

O que fazem Teremos todos noção de qual a nossa posição no mundo enquanto seres humanos? Este é o mote para o trabalho desenvolvido dentro do espaço escolar, junto de alunos e alunas do 9.º ao 11.º anos, professores e professoras. O objetivo é dotar homens e mulheres de ferramentas que ajudem a desconstruir os estereótipos de masculinidade e feminilidade, rumo a uma sociedade mais justa. No total foram realizadas 137 sessões que envolveram 263 alunos e ministrada formação certificada sobre igualdade de género a 30 professores. O resultado são escolas mais mobilizadas para o combate às discriminações sentidas com base no género, mas também culturais e raciais.

cidadania.dge.mec.pt/boas-praticas/igualdade-de-genero
facebook.com/mulheresnaarquitectura/

Emily Broin

18 anos

Aluna de 12º ano do curso profissional de Turismo

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA GIL VICENTE

Emily Broin nasceu no Mato Grosso, Brasil, e aos 15 anos veio para Lisboa, morar no bairro da Graça. Hoje, com 18 anos, conta-nos que foi na Escola Básica e Secundária Gil Vicente, através da produção de um documentário, que encontrou forma de dar voz às suas preocupações sociais. «Eu sempre me interessei por questões de igualdade de género, mas estava metida na minha caixinha de redes sociais e discussões com amigos e nunca explorei opiniões diferentes». O documentário que produziu, no âmbito do projeto BIP/ZIP “Ser Humano: Itinerário para a Igualdade de Género”, ajudou-a a sair dessa caixa. «Entrevistámos pessoas na nossa escola e surpreendeu-me porque tinha aquela ideia de que as pessoas mais velhas seriam mais antiquadas, mas deram respostas muito interessantes» e «percebi que os mais novos tinham um pensamento bruto, como se fosse uma pedra ainda por lapidar; a construção de mentalidades é um processo, e os conceitos que nos foram ensinados em crianças ainda estão lá, mas só precisamos de adquirir mais conhecimento para trabalhar as ideias». Na verdade, «sempre me questioneei muito, e envolver-me neste projeto foi uma forma de procurar respostas para coisas para as quais ainda não tinha explicação». Com a vida pela frente, Emily tirou deste projeto um ensinamento para o futuro: «Aprendi a ouvir outras opiniões, a prestar atenção e percebi que ainda há muito a fazer... mas também que já estamos a fazer alguma coisa». 📍 LVA

FOTO
Américo
Simas

2019

Caminhar e brincar na rua

Projeto Caminho, Brinco e Participo

Tema central Mobilidade

Onde Alto da Eira, Mouraria, Alfama e Castelo

Principal Promotor APSI - Associação para a Promoção da Segurança Infantil

Participação autárquica 49 886 euros

O que fazem Conhecido entre os mais novos como “Brincapé”, este projeto assenta em três grandes eixos: criar a “Rota do Brincar” proporcionando às famílias a descoberta do espaço público com potencial para a brincadeira; transformar os recreios nas escolas, equipando-os com *tralhas* que permitam às crianças brincar de forma mais espontânea; e “Brincar de Rua”, desenvolvido por grupos comunitários, em que, à semelhança de atividades formais como futebol ou *ballet*, as crianças se inscrevem em grupos de brincadeiras na rua, apoiadas por voluntários, os “guardiões do brincar”.

brincape.com

Margarida Mestre

50 anos

Especialista em criação artística para a infância
MÃE DO MANUEL FERRO, 9 ANOS

Brincar na rua é provavelmente uma das melhores memórias que guardamos da infância. Terão as crianças de hoje na cidade esta oportunidade? Para que brincar na rua volte a ser seguro e estimulante o “Brincapé” leva *tralhas* para os recreios, como o da Escola Básica Raúl Lino, onde Manuel, de 9 anos, descobriu novas formas de brincar. A mãe, Margarida Mestre, lembra que antes da pandemia «às quintas-feiras, três ou quatro pessoas (do projeto) levavam cartões, lonas, cordas, rolhas, pneus vazios, e as crianças construía caixas, tendas, casinhas e brincavam; eu via isto a acontecer e achava maravilhoso». Já em confinamento, quando iam ao jardim, Margarida conta que o filho lhe dizia: “—Mãe, guarda esta rolha que é para o Brincapé, porque isto vale muito dinheiro. Aí percebi a importância que aquilo tinha na vida dele». Diz mesmo não ter dúvida de que «bastam estes materiais para haver um reinventar de uma série de mundos». Mas para além do espaço escola, o “Brincapé” transporta *tralhas* para vários bairros de Lisboa e dinamiza atividades através de grupos comunitários do Brincar e nas *play-streets* (ruas fechadas ao trânsito e que são usufruídas pelas crianças).

FOTO
Américo
Simas

Uma experiência que Margarida e Manuel ainda não tiveram, mas querem vir a ter, «porque não são só as crianças que se encontram, são os pais, é todo o Bairro. E isso é uma coisa importante porque também provoca o encontro de gerações», conclui Margarida. 📍 LVA



2018

Promover produtos conscientes

Ricardo Jerónimo

39 anos

Fundador e artesão da Rival, marca certificada com “Selo Consciente”

DESIGNER E PROFESSOR ASSISTENTE NA ESCOLA SUPERIOR DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

«O meu avô veio muito novo para Lisboa, um faz-tudo, e muito cedo me inculuiu o gosto pelo desenrasque, o meter as mãos na massa, o ‘quando não sabemos experimentamos e aprendemos’.

Nos verões da minha infância fazíamos barquinhos em madeira com um canivete, acho que começou tudo aí. Os meus avós são serranos e passei muito tempo na natureza e na floresta. Criei uma ligação muito forte com as árvores e isso transpôs-se agora para a minha vida adulta», recorda Ricardo Jerónimo para explicar como deu origem à marca Rival em 2011, quando timidamente começou a dar os primeiros passos na produção de utensílios de madeira. Mais tarde, a notoriedade disparou quando foi contactado pelo *chef* Pedro Pena Bastos para produzir peças para um novo restaurante. «Fizemos pratos, facas, colheres, espátulas. Tudo em madeira. E a partir daí houve uma visibilidade diferente, e as coisas começaram a crescer». Atualmente a Rival vende para todo o mundo, com a criação de peças únicas, todas feitas à mão. O respeito pela natureza e pelos materiais é um princípio que comunga com o projeto BIP/ZIP “Rede de Produtos Conscientes”, no qual foi convidado a participar. “Muita da minha matéria-prima é recolhida nas podas das árvores municipais ou em visitas a marcenarias que fecharam, onde recolho material que de outra forma iria para o lixo. Assim, consigo perpetuar e respeitar a própria árvore e transformá-la em algo de útil ou de belo». Segundo Ricardo Jerónimo, o projeto “Rede de Produtos Conscientes” é importante porque «tenta ao máximo que as marcas partilhem esses valores, e, nesse sentido, estão a fazer um excelente trabalho». Por isso, apesar do sucesso alcançado, para a Rival é muito interessante continuar presente nesta plataforma de venda. «Esta força de grupo é importante para mostrar às pessoas que há outras marcas que se enquadram nos princípios ambientais. E com a *Corrente*, com essa força de grupo, somos mais fortes», conclui. ● LVA

FOTO
Américo
Simas

Projeto Rede de Produtos Conscientes

Tema central Ambiente

Onde Ameixoeira, Boavista, Mouraria, Rua de São Paulo

Principal Promotor Associação Boa Colaborativa

Participação autárquica 50 000 euros

O que fazem Uma plataforma de divulgação de produtos nacionais certificados com “Selo Consciente”. Essa certificação, desenvolvida no âmbito do projeto, dá a garantia ao consumidor de que as marcas referenciadas seguem boas práticas de produção ecológica, socioeconómica, de saúde humana e de ética animal. Essa plataforma também permite, agora, a aquisição dos produtos *online* – *corrente.pt*. Uma mostra de “produtos conscientes”, inicialmente da cidade, mas que se estendeu a nível nacional, e onde já estão presentes cerca de cem marcas – das quais uma dezena resultante de projetos BIP/ZIP – de artigos tão variados como roupa, calçado, brinquedos, cosmética, utensílios domésticos, entre outros.

corrente.pt

2017



Conviver e ser ativo

Projeto Vidas Saudáveis e Ativas “VISA”

Tema central Vida saudável

Onde Grafanil (Galinheiras), Quinta da Torrinha, Quinta da Mourisca (Ameixoeira)

Principal Promotor PROSAUDESC- Associação de Promotores de Saúde, Ambiente e Desenvolvimento Sociocultural

Participação autárquica 49 957 euros

O que fazem Oficinas de culinária para aprender a cozinhar de forma saudável, ateliês de costura, aulas de dança, ginástica, tecnologias de informação e comunicação e passeios de turismo foram algumas das atividades promovidas junto de cerca de 30 seniores com o objetivo de os tirar de casa e torná-los mais ativos. Além destas pessoas diretamente envolvidas no projeto, e que tiveram também acesso a acompanhamento médico e psicológico, os beneficiários indiretos ultrapassaram as quatro centenas com participação em eventos.

prosaudesc.pt

Irene Araújo

78 anos

Reformada (ex-Assistente Auxiliar de Educação)
AMEIXOEIRA

«Quando me reformei tinha 70 anos e ainda queria continuar a trabalhar, mas disseram-me que tinha chegado ao limite de idade e que já não podia. Mas eu achava-me ainda com capacidade de ser útil», afirma Irene Araújo e explica que para não ficar parada se inscreveu na associação da sua rua – a PROSAUDESC – onde encontrou muitas atividades, companhia e alegria. «Tínhamos ginástica, fazíamos trabalhos manuais como bonecas, flores, manjericos de renda» e «fizemos uma Feira na Charneca, onde vendemos algumas coisas» e «também uma nas Galinheiras, e todas as pessoas gostavam dos nossos trabalhos». Além disso, «íamos ajudar a fazer os rastreios de saúde. Também fomos aos Açores e fizemos alguns passeios». Hoje, com 78 anos, Irene lembra que o melhor era «a companhia, conviver e jogar. O pessoal era todo divertido, nós ríamo-nos.

Foram tempos bem passados. Eu gostei, só foi pena aquilo acabar». A viver com o marido e com o filho, hoje em dia o grande desafio para Irene é combater o isolamento. «O tempo... agora passo-o em casa, a ver televisão. De vez em quando lá vou fazer umas compras. É uma solidão muito grande, muito grande. A pandemia não ajuda. No início diziam que este vírus

FOTO
Américo Simas
veio aproximar-nos, afinal foi o contrário... separou-nos!». ● LVA



2016

Reabilitar o bairro

Projeto Laboratório de Participação

Tema central Espaço Público

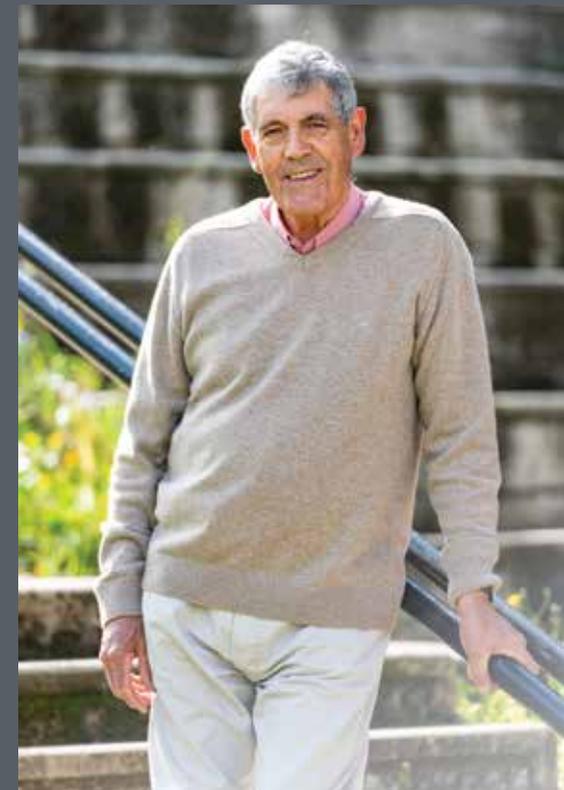
Onde Bairro do Vale Fundão (antigo Bairro PRODAC) - Marvila

Principal Promotor Associação de Moradores do Bairro do Vale Fundão

Participação autárquica 50 mil euros

O que fizeram Qualificaram o espaço público com o envolvimento dos moradores, contribuindo para o melhoramento urbanístico do bairro e, sobretudo, para reforçar a coesão social.

[ateliermob.com/
projects/prodac-
sul-laboratorio-de-
participacao](http://ateliermob.com/projects/prodac-sul-laboratorio-de-participacao)



Constantino Ribeiro

75 anos

Reformado da distribuição de produtos alimentares
MORADOR DO BAIRRO DO VALE FUNDÃO – MARVILA, DESDE 1974

O Bairro PRODAC, em Marvila (como ainda é reconhecido o Bairro do Vale Fundão) remonta à década de 1970 quando os moradores do Bairro Chinês ali foram alojados. A PRODAC foi uma associação de autoconstrução que começou a obra em terrenos cedidos a título precário pela autarquia, ainda durante o Estado Novo. Mas no meio do processo foi à falência e não conseguiu prosseguir com o projeto. A partir daí, os moradores tomaram o caso em mãos, literalmente, e concluíram as casas, com os conhecimentos que tinham de construção civil e a ajuda de vizinhos. Mas seria longo e atribulado o processo de legalização, e só em 2016 começaram a ser entregues as licenças de utilização.

Constantino Ribeiro, lembra que se mudou na altura do 25 de abril de 1974. «O nosso Bairro ainda é um daqueles em que os vizinhos se conhecem e conversam. Quando viemos para aqui, fomos transportados todos juntos e escolhemos praticamente os vizinhos». Mas com o passar do tempo as infraestruturas foram-se degradando, e aproveitando o impulso da regularização do Bairro, o projeto BIP/ZIP deu um apoio importante. «Com esta obra recuperaram-se estradas, muros, fez-se a pintura dos sítios mais degradados e o melhor ainda é que a Associação de Moradores teve o cuidado de ver quem queria trabalhar e empregou pessoas do Bairro que se encontravam em desemprego de longa duração: contribuíram para a recuperação de muros de 29 lotes, colocação de corrimãos, pinturas e construção de uma rampa para cadeira de rodas», conta Constantino Ribeiro. «O nosso Bairro é humilde, mas muito engraçado, podemos considerar que é uma hortazinha dentro de Lisboa e tem gente boa. Aqui podemos viver sossegados». ● LVA

FOTO
Ana Sofia Serra

2015

Desenvolver a criatividade

Projeto Hangar

Tema central Cultura e arte

Onde Graça, freguesia de São Vicente

Principal Promotor Xerém Associação Cultural

Participação autárquica 50 000 euros

O que fazem Hangar é um centro de investigação artística independente gerido por artistas e curadores, assente em estratégias de sustentabilidade económica. Envolve a comunidade de artistas e criativos locais, jovens e desempregados, agregando esforços e recursos para a regeneração urbana, social e cultural, através das artes e indústrias criativas. Inclui um centro de exposições, estúdios, residências artísticas e curatoriais.

hangar.com.pt



Sofia Yala Rodrigues

27 anos

Estudante de mestrado em Fotografia
INGLATERRA

Sofia é lisboeta, de nascimento e coração, e sempre gostou de artes visuais. “Fui a uma exposição no Hangar e ouvi falar no *workshop* ‘Contar histórias através da fotografia’. Comprei a minha primeira máquina, mas não tinha o poder da técnica, nem sabia o que uma fotografia pode transmitir. O Hangar foi uma espécie de escola informal. Na altura estava a fazer o meu mestrado na Universidade Nova em Antropologia Visual. Sempre idealizei estudar artes ou aprender a desenvolver as minhas ideias criativas, e os *workshops* do Compasso (iniciativa também apoiada pelo programa Bip/Zip) deram-me a possibilidade e a liberdade de ouvir, aprender e experimentar. Desde então tenho a noção da multiplicidade do mundo da fotografia e das artes visuais, incluindo a beleza do próprio processo criativo experimental”.

Sofia Yala obteve a sua licenciatura em Estudos Africanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Fez a sua primeira residência artística em Cabo Verde. Continua ligada à Hangar, que lhe deu novos horizontes. Hoje, à custa de muito esforço

– trabalhar em hotelaria

– vive no Reino Unido

FOTO
Inemi
Ayebainemi onde frequenta o mestrado em fotografia e filme na Universidade de Derby. ● SI

2014

Rentabilizar capacidades

Conceição Sebastião

67 anos

Costureira e formadora no projeto
Ameixoeira Criativa
BAIRRO DAS GALINHEIRAS

Conceição nasceu em Angola. Desempregada, a passar por momentos muito difíceis, em virtude de o espaço estar temporariamente fechado, vai fazendo uns pequenos arranjos de roupa para poder sobreviver. “Comecei a trabalhar na costura com 6 anos de idade e aos 8 já fazia roupinhas para os meus irmãos. Foram tempos duros, casei aos 15 anos e tive 6 filhos. Mais tarde vim para Portugal. Em 2013 entrei para o ateliê e no ano seguinte comecei a dar formação. Ensinava como pregar botão, fazer bainhas, desmanchar uma saia para fazer uma blusa, ou de umas calças fazer uma saia. Também fui às escolas ensinar as crianças. A minha vida mudou muito com este projeto, conheci muitas pessoas, o que fez o meu conhecimento evoluir muito. Só desejo que esta situação passe depressa para voltar a trabalhar e a ensinar. E tenho pena

de não ter habilitações para me inscrever numa escola de modelagem. Eu faço tudo a olho.” ● SI

FOTO
Américo
Simas



Projeto Ameixoeira Criativa

Tema central Competências e Empreendedorismo

Onde Quinta da Torrinha, freguesia de Santa Clara

Principal Promotor Associação Lusofonia, Cultura e Cidadania

Participação autárquica 49 980 euros

O que fazem Ateliê de aprendizagem e desenvolvimento de competências nas áreas de costura, artesanato e empreendedorismo dentro da economia solidária. A criação de uma marca própria, ComPonto, envolvendo pessoas do bairro desempregadas ou de baixos rendimentos e voluntários, teve sucesso imediato. Os artigos são criados a partir da reciclagem de roupas e tecidos usados. Uma marca sustentável já reconhecida internacionalmente: produtos únicos e exclusivos feitos à mão, com qualidade, *design* e estampagens originais.

Os serviços do ateliê também passam pela confeção de roupas por medida, roupas de cama, mesa e acessórios de casa, consultoria, *workshops*, artesanato para venda, bem como apoio ao lançamento de novos projetos. “Com a pandemia o espaço encerrou, mas não se cruzaram os braços e milhares de máscaras de pano foram produzidas pelas nossas costureiras, para serem distribuídas pela população”, conta Nilzete Pacheco, presidente da Associação Lusofonia, Cultura e Cidadania.

lusoculturas.org

2013

Estimular vocações

Ânia Nicole do Carmo Fernandes

19 anos

Estudante do curso profissional de Artes do Espetáculo
LUMIAR

Ânia nasceu em Lisboa. Com 8 anos entrou para o Centro de Artes e Formação (CAF), na Alta de Lisboa, onde começou a aprender danças africanas e hip-hop. Foi também aí que se iniciou no teatro.

Dois anos depois, em 2011, soube das ações de formação do projeto All Artes: “Frequentei o *workshop* de dança africana dirigido pelo Nuno Varela e passados alguns meses de ensaios criou-se um grupo estável, os Badjo pa Diante.”, conta. “Começámos por ensaiar na escola D. José I, depois fomos para a escola primária 34 e por fim, em 2012, fomos para o Espaço Mudança. Fizemos muitos espetáculos em vários sítios diferentes. Estivemos juntos até 2017 mas ficámos sem espaço para ensaiar, porque o Espaço Mudança fechou e o grupo acabou. Continuei a frequentar o CAF, e em 2019 participámos no festival Panos onde vencemos com o texto *O Dicionário*, e tivemos a oportunidade de atuar no teatro Nacional Dona Maria II. Nesse espetáculo, o Rafael Barreto convidou-me a mim e mais alguns jovens do centro a integrar a sua Companhia Jovem Lugar Comum. Hoje continuo a dançar e a fazer aquilo que gosto.” ❁ SI

FOTO
Américo
Simas

2012

cinquenta

Projeto ALL ARTES - Espaço Mudança

Tema central Inclusão na diversidade

Onde Bairro da Cruz Vermelha, freguesia do Lumiar

Principais Promotores Associação Espaço Mundo – Organização de jovens; Associação de Apoio ao Estudante Africano; Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento de Escolas do Alto do Lumiar; Associação de Residentes do Alto do Lumiar

Participação autárquica 28 470 euros

O que fizeram Promoveram a inclusão de crianças e jovens do bairro através da arte e do desenvolvimento de competências artísticas, pessoais e sociais, tendo em vista a prevenção de comportamentos de risco. Apostaram num local centralizador de atividades, para que os jovens se pudessem reunir, partilhar experiências e aprendizagens em diversas áreas, como dança e teatro, havendo também a possibilidade de estudo acompanhado.



Aumentar a estima

Nádia Sena

25 anos

Modelo

ALTA DE LISBOA, LUMIAR

Nasceu em Lisboa, de origem cabo-verdiana, foi uma das jovens que participou no *casting* da campanha. “Tive conhecimento por uma vizinha, que trabalha na Associação Espaço Mundo — há mais de dez no bairro —, que a modelo Ana Sofia estava a promover um *workshop* sobre como desfilar. Participei e fui selecionada como um dos rostos da campanha de sensibilização para a mudança de comportamentos em relação ao bairro: limpeza de grafitis, combate ao vandalismo nos parques infantis, escolas, habitações... Fiz sessões fotográficas pelos vários espaços do Bairro da Cruz Vermelha e tive a sorte de ser notada pelo fotógrafo João Bacelar que me indicou várias agências. Hoje o meu sonho tornou-se realidade, Já estou agenciada. Tenho percorrido o país, Madrid, Barcelona, a fazer desfiles de moda e publicidade para grandes marcas nacionais e internacionais. Agora com a pandemia a coisa está mais parada, mas mesmo assim vou fazendo, claro, mas sempre com o teste Covid”, diz Nádia para quem esta campanha cívica representou um ponto de viragem: “deu-me um rumo na vida profissional”. ❁ SI

FOTO
Américo
Simas

Projeto O Meu Bairro é a Minha Cara

Tema central Participação cívica

Onde Alta de Lisboa Sul, freguesia do Lumiar

Principal Promotor Centro Social da Musgueira

Participação autárquica 19 550 euros

O que fazem Para promover um sentido de pertença e estancar o vandalismo dos equipamentos do bairro, tornou-se importante sensibilizar a população para uma mudança de comportamentos. Como fazer? Através da realização de sessões fotográficas e *workshops*, foi desenhada uma campanha “publicitária” — “Dar a Cara pelo Bairro” — em que os principais protagonistas foram os jovens da comunidade e as suas famílias.

As fotografias ilustravam as principais preocupações que atingem esta população e contribuíram para a construção de uma relação positiva com o espaço, em articulação com iniciativas de reabilitação urbana. A campanha teve lugar nos próprios equipamentos do bairro e esteve patente em mupis e outdoors.

facebook.com/O-meu-Bairro-é-a-minha-Cara-Alta-de-Lisboa/

cinquenta e um



2011

Desenvolvimento local

“ESTAR” NOS BAIRROS E CHEGAR ÀS PESSOAS

O PROGRAMA MUNICIPAL Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária (BIP/ZIP) envolve centenas de parceiros – uma prática de cogovernança onde cada um dá o seu contributo e participa na decisão.

A maior parte dos parceiros está sediada ou tem atividade nos territórios. Podem ser associações, formais ou informais, coletividades, grupos de vizinhos, escolas, Santa Casa da Misericórdia e juntas de freguesia; outros são organizações sem fins lucrativos, como fundações ou empresas com responsabilidade social, que se agregam aos consórcios iniciais e contribuem com financiamento, logística ou conhecimento para o desenvolvimento e continuidade dos projetos.

Desde 2011 que a autarquia analisa as propostas que lhe são apresentadas por promotores locais e seleciona, entre centenas de candidaturas, aquelas que têm maior potencial. Todo o processo e regras de seleção podem ser consultados no site bipzip.cm-lisboa.pt. O montante máximo atribuído às candidaturas vencedoras é de 50 mil euros que, de acordo com os promotores, serve sobretudo para “ligar o motor” que porá o projeto na rota da sustentabilidade, ou seja, com capacidade para prosseguir de forma autónoma as suas atividades para lá do ano em que recebe o apoio.

Os objetivos são diversos. Podem ir desde a reabilitação dos espaços exteriores de um bairro, à construção de equipamentos, passando por iniciativas de educação e formação, com vista a aumentar a empregabilidade, ou ações que promovem a entreajuda, troca de saberes e vida comunitária.

No ano em que Lisboa foi Capital Verde Europeia (2020), tiveram prioridade os projetos que contribuíam para a qualidade ambiental, como a chamada economia circular, onde “nada se perde e tudo se transforma”. Na última edição BIP/ZIP, a braços com uma pandemia, todos os

projetos visavam acudir às emergências sociais e criar resiliência nas comunidades.

Mas a interação entre os parceiros locais e a autarquia não se esgota com a apresentação de propostas a concurso. Quando é necessário, esta rede colaborativa já demonstrou capacidade para responder a desafios comuns. Assim aconteceu no eclodir da pandemia: com a rápida mobilização das parcerias locais e voluntários foi – e continua a ser – possível ir ao encontro das necessidades prementes da população mais fragilizada, como damos conta nesta edição.

Há ainda outros instrumentos de participação e cogovernança desta política de desenvolvimento local, como os Gabinetes de Apoio a Bairros de Intervenção Prioritária, ou a Rede de Desenvolvimento Local de Base Comunitária, juntando parceiros BIP/ZIP, município e empresas locais para, de forma mais transversal, se definirem estratégias de qualificação e mudança. Uma forma de “pensar global e agir localmente” que é já uma referência a nível internacional (distinguida como Boa Prática Europeia pela rede URBACT).

A cidade faz-se de diferentes tecidos sociais e urbanísticos que é preciso cerzir. O urbanismo, as políticas sociais, de mobilidade e de habitação, entre outros setores, representam uma parte importante desse processo criando continuidades e diálogos. Mas é também pela cultura, pela valorização simbólica, pela educação e criação de oportunidades que se esbatem as barreiras. E porque há zonas da cidade que precisam de um impulso, de projetos “feitos à medida”, que ajudam a mudar vida dos seus habitantes, e a relação dos territórios com a cidade, que foi concebido o Programa BIP/ZIP – agora em fase de balanço e com a promessa de um futuro mais robusto. Para que não haja fronteiras, nem físicas, nem sociais, nem imaginárias dentro de Lisboa. 🇵🇹

Números

143.000

mil habitantes

67	391	2436
territórios	projetos	atividades

647	15,8
entidades envolvidas em um ou mais projetos (promotores e parceiros)	milhões de euros de investimento camarário
	20,9
	milhões de euros de investimento global (autarquia e outras fontes)

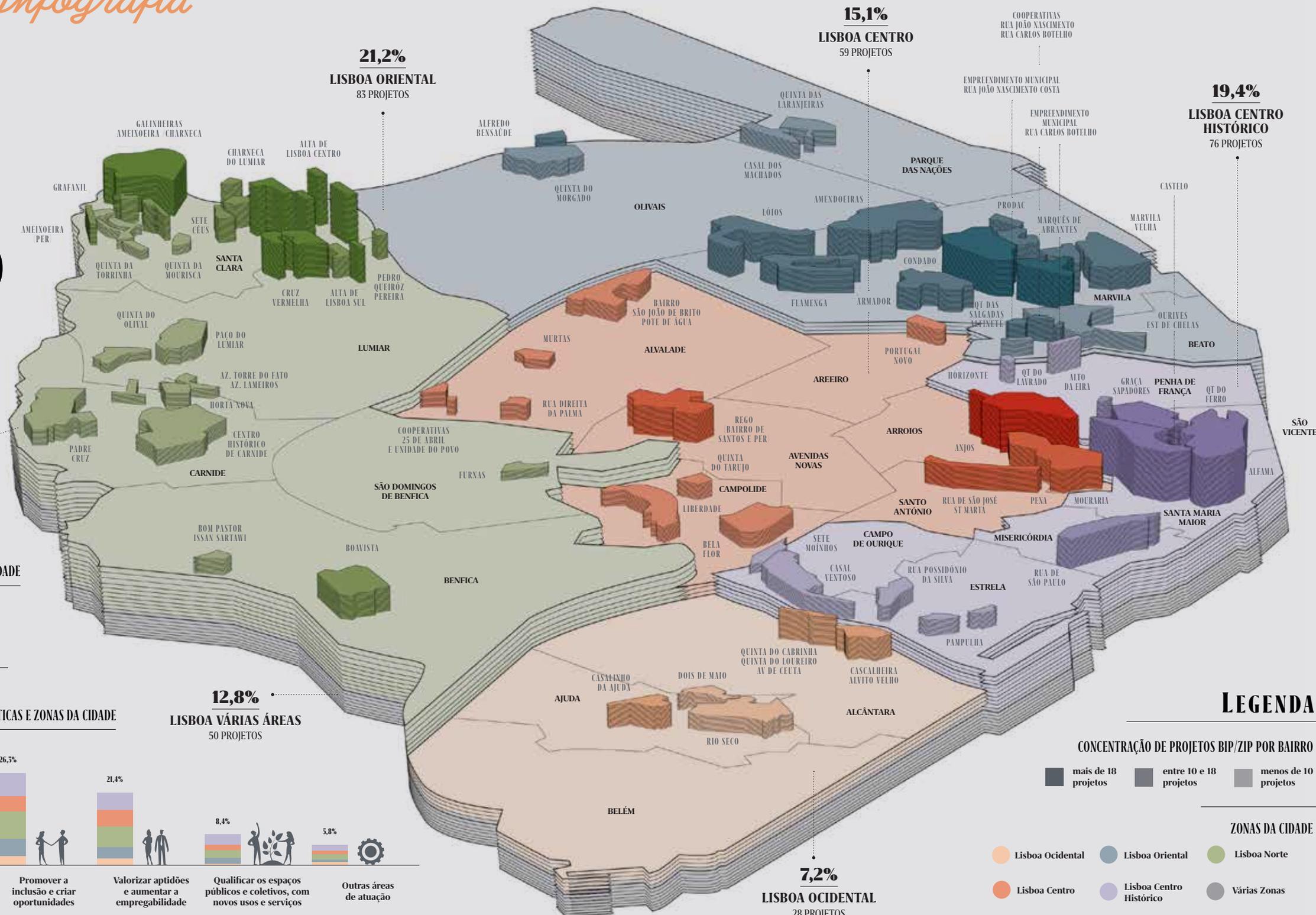
10 edições

PROGRAMA BIP/ZIP

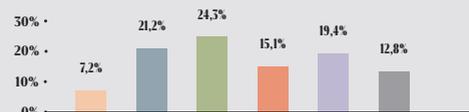
10 EDIÇÕES (2011-2020)

BAIROS E ZONAS DE INTERVENÇÃO PRIORITÁRIA

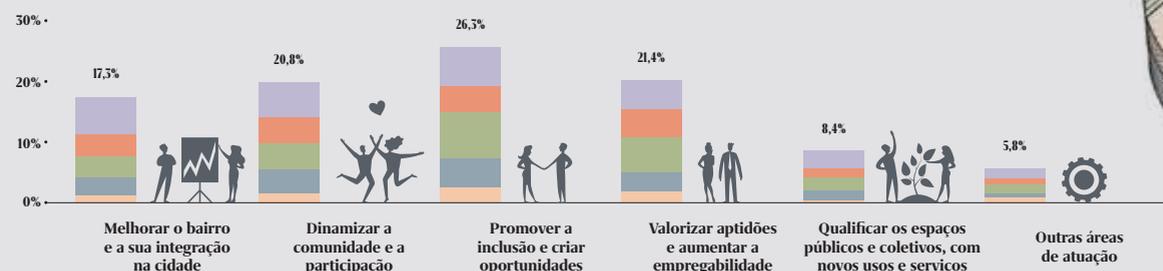
TRATAMENTO DE DADOS SUSANA PINA
INFOGRAFIA JOÃO FERREIRA



CONCENTRAÇÃO DE PROJETOS BIP/ZIP POR ZONAS DA CIDADE



CONCENTRAÇÃO DE PROJETOS BIP/ZIP POR ÁREAS TEMÁTICAS E ZONAS DA CIDADE



LEGENDA

CONCENTRAÇÃO DE PROJETOS BIP/ZIP POR BAIRRO



ZONAS DA CIDADE



Orçamento Participativo

Como os moradores da Penha conseguiram

Onde se previa um estacionamento, um movimento de cidadãos sonhou com um hectare de jardim.

um jardim

A IDEIA DE UM ESPAÇO VERDE para a encosta poente da Penha de França surgiu, passou de *boca em boca* e depressa ganhou força mobilizando vizinhos e cidadãos. Com o mote “Um jardim é que nos faz falta” concorreu a uma edição do Orçamento Participativo de Lisboa (instrumento de participação e decisão cidadã – ver página 59) e venceu com cerca de 9 500 votos. Foi o projeto mais votado de sempre.

A inauguração está prevista para o verão deste ano e o novo jardim, densamente arborizado, divide-se em três socalcos. No alto, com grandes vistas, fica a zona de convívio, com anfiteatro e relvado; logo abaixo, estende-se a zona de parque infantil, praça, quiosque e esplanada, e um longo caramanchão ornado de roseiras; o nível inferior comportará uma zona de bosque e piquenique, hortas comunitárias, uma segunda praça e um campo de jogos.

Com uma entrada norte pela rua Marques da Silva, no nível inferior, e outra a sul, mais acima, dando para a rua de Cardiff (servindo os bairros de Inglaterra e das Colónias), é possível estabelecer uma ligação pedonal que poupa aos transeuntes várias centenas de metros nas deslocações, evitando o contorno da encosta pela avenida Almirante Reis ou rua da Penha de França.

O projeto, da responsabilidade do ateliê NPK, foi acompanhado pelos serviços técnicos da autarquia, que lançou o concurso de

TEXTO DE
LUÍS MIGUEL
CARNEIRO

DESENHOS
ATELIÊ NPK

empreitada, e incorporou muitas sugestões dos moradores, num processo muito participado. Grande parte do arvoredo preexistente é preservado, incluindo um pinheiro-de-alepo, um lódão, uma nogueira, zambujeiros, pinheiros, catos e ameixeiras. A estas juntam-se agora mais 250 novas árvores (tais como carvalhos, freixos e ginjeiras), além de muitas plantas arbustivas.

O Jardim do Caracol da Penha beneficia os cerca de 60 mil habitantes das freguesias de Arroios e Penha de França, e tem capacidade para atrair visitantes de toda a cidade. 🌳

caracoldapenha.info/



Orçamentos Participativos

LISBOA A ideia deste jardim foi, até agora, a proposta mais votada no Orçamento Participativo. Isso implicou uma grande mobilização dos vizinhos?

RITA CRUZ Sim, no bairro e também na cidade. Foi um processo muito interessante que envolveu milhares de pessoas, com algumas centenas envolvidas diretamente. No início éramos cerca de dez, doze pessoas, que constituíam o núcleo duro do movimento.

LISBOA Já achava que aqui poderia vir a ser um jardim, ainda antes de estar previsto um parque de estacionamento?

RITA CRUZ Eu já tinha a ideia de que este espaço deveria ser um jardim. Na altura em que percebi que iria ser construído um parque de estacionamento, mobilizei-me a mim própria, vizinhos e amigos aqui do bairro para revertermos essa decisão e lutámos por um jardim público. Comecei com apenas um vizinho, que fez os desenhos, e coloquei a proposta no Orçamento Participativo. Depois contactei outros vizinhos para a criação do movimento.

LISBOA Como correu o processo?

RITA CRUZ Na verdade, o processo continua a correr. Temos feito o acompanhamento da obra, para a definição dos usos e dos equipamentos que a população gostaria de ter no jardim, e o tra-



QUEM É

RITA CRUZ

Dinamizadora do “Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha”

balho com a equipa da parte da Câmara.

LISBOA Houve muitas sugestões dos moradores?

RITA CRUZ Houve centenas e centenas de sugestões. Foi um trabalho de triagem e de discussão complexo, dentro do grupo, e depois também com os projetistas para conseguirmos chegar a um resultado que fosse harmónico e que respondesse aos anseios da população.

LISBOA Qual a sensação de estar à beira da concretização deste sonho?

RITA CRUZ Quando for inaugurado será um momento feliz do grupo, do bairro. Acho que milhares de pessoas estão a desejar usufruir deste espaço – como o meu filho de 15 anos, que anseia pelo dia em que virá para aqui jogar basquetebol –, mas será também um ponto de partida, que abre uma panóplia de possibilidades, para a organização de eventos, por exemplo, e outros projetos em que estamos todos muito interessados. Será o fim de uma etapa, mas o princípio de muitas outras. Um processo participativo que continua.

LISBOA O movimento “Pelo Jardim” extingue-se com a inauguração?

RITA CRUZ Sim. No entanto, nós já criámos uma associação, chamada Caracol Pop, que quer aprofundar a participação, a democracia e a cidadania. Termina-se uma coisa e começa-se outra. ●

FOTOS: CARLOS MORAIS DA SILVA; IMAGEM: BR25, STUDIO

Orçamentos

O que querem os lisboetas para a cidade?

A recuperação do Jardim Botânico no Príncipe Real, a ampliação do abrigo para animais em Monsanto ou a criação de uma rádio *online* nas escolas dos Olivais são alguns dos projetos vencedores do Orçamento Participativo de Lisboa, ao longo de 11 edições.

Mas o que é o Orçamento Participativo?

A autarquia estipula uma verba, que este ano é de 2,5 milhões de euros, para executar os projetos mais votados pelos cidadãos. Esta verba é repartida por dois grupos: projetos que envolvam empreitadas de obras públicas num montante inferior a 150 mil euros e projetos que prevejam a aquisição ou locação de bens móveis ou aquisição de serviços de valor inferior a 75 mil euros. Os temas privilegiados na edição em curso integram-se na área do desporto, porque Lisboa é, este ano, Capital Europeia do Desporto; e na área do ambiente, porque a cidade que foi Capital Verde em 2020 continua comprometida com as metas ambientais.

Com uma primeira edição em 2008, o Orçamento Participativo já deu origem a várias intervenções, desde a construção de parques infantis, à reabilitação de um mercado ou criação de bancos de livros para empréstimo a estudantes. As áreas de atuação são muitas e podem ter um impacto local ou estrutural na vida da cidade.

Qualquer cidadão ou grupo de cidadãos pode apresentar uma ideia para o Orçamento Participativo. Após análise da sua viabilidade técnica pelos serviços municipais e juntas de freguesia, as propostas selecionadas são submetidas a votação. Consultando a descrição do projeto (portal lisboaparticipa.pt) cada lisboeta pode votar nas duas intervenções – uma por grupo – que considera mais importantes para a cidade.

O nível de participação e votantes em cada projeto também depende da capacidade de mobilização dos seus promotores e das suas redes de divulgação: os cidadãos “mexem-se”, agremiam-se e promovem as suas causas. Por isso quanto mais votantes, mais democrático é o processo. Mesmo sem interesse em “causa própria”, todos são convidados a refletir e a decidir que projetos devem ser.

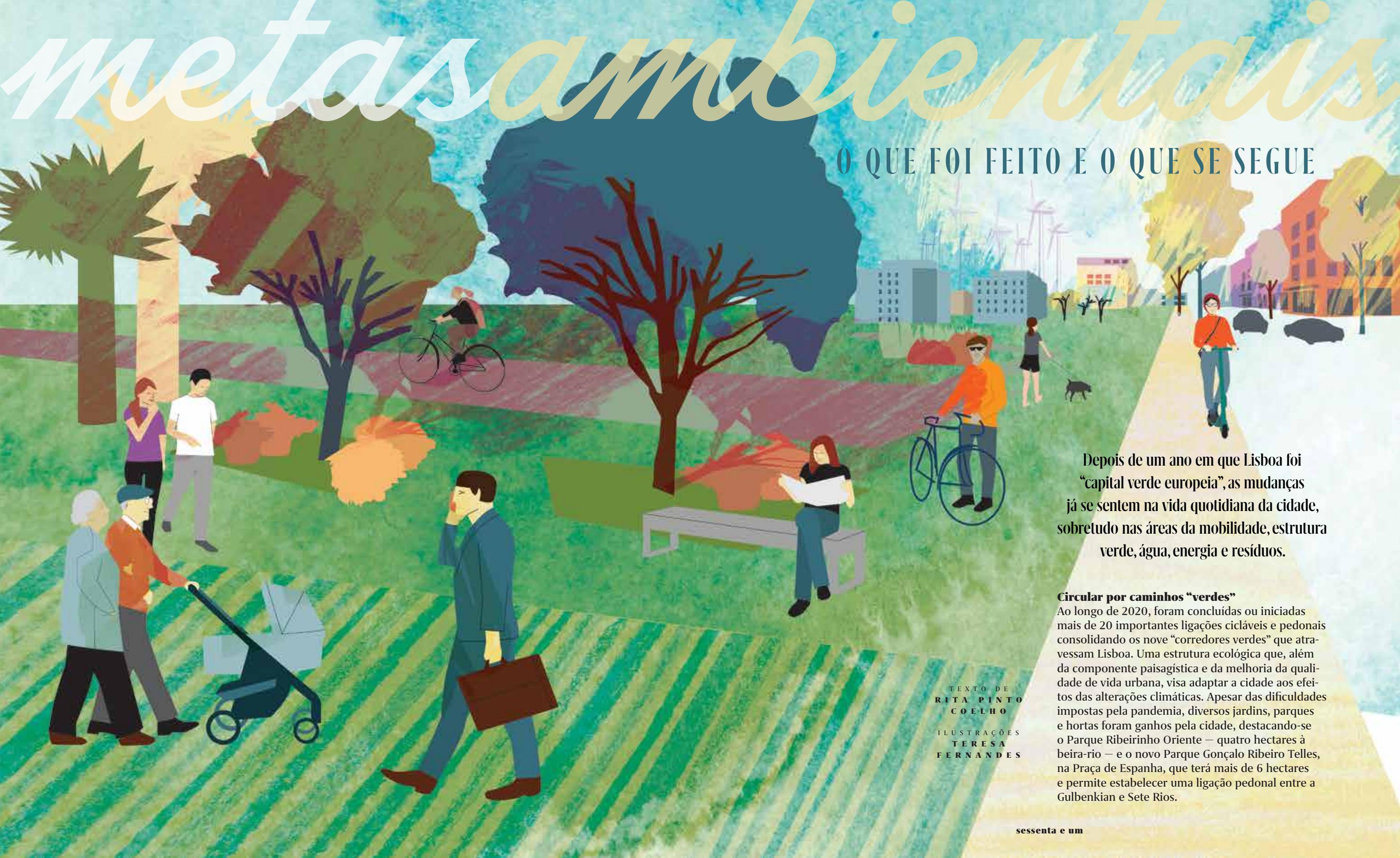
Até à data os lisboetas já direcionaram mais de 36 milhões de euros para projetos do Orçamento Participativo.

Ao longo de onze edições, foram apresentadas 6743 propostas e 139 projetos vencedores, que angariaram um total de cerca de 303 200 votos. ● LÚCIA VINHEIRAS ALVES

Participativo

metas ambientais

O QUE FOI FEITO E O QUE SE SEGUE



Depois de um ano em que Lisboa foi “capital verde europeia”, as mudanças já se sentem na vida quotidiana da cidade, sobretudo nas áreas da mobilidade, estrutura verde, água, energia e resíduos.

Circular por caminhos “verdes”

Ao longo de 2020, foram concluídas ou iniciadas mais de 20 importantes ligações cicláveis e pedonais consolidando os nove “corredores verdes” que atravessam Lisboa. Uma estrutura ecológica que, além da componente paisagística e da melhoria da qualidade de vida urbana, visa adaptar a cidade aos efeitos das alterações climáticas. Apesar das dificuldades impostas pela pandemia, diversos jardins, parques e hortas foram ganhos pela cidade, destacando-se o Parque Ribeirinho Oriente — quatro hectares à beira-rio — e o novo Parque Gonçalo Ribeiro Telles, na Praça de Espanha, que terá mais de 6 hectares e permite estabelecer uma ligação pedonal entre a Gulbenkian e Sete Rios.

TEXTO DE
RITA PINTO
COELHO

ILUSTRAÇÕES
TERESA
FERNANDES

As campanhas de plantação de árvores realizadas por voluntários mantiveram-se, dando continuidade ao enorme evento que marcou, em janeiro de 2020, o arranque da Lisboa Capital Verde Europeia: durante um fim de semana, mais de 20 mil árvores foram plantadas pela mão de cerca de 4500 lisboetas. No total, ao longo de 2020, foram plantadas na cidade 43 mil árvores e 31 mil arbustos.

Foi também o ano em que nasceram mais parques hortícolas, aliando o lazer à produção agrícola, prevendo-se mais cinco novos projetos em 2021/2022, a juntar aos vinte já existentes.

O galardão de Capital Verde Europeia serviu ainda de pretexto para o município desafiar várias instituições a abrirem em permanência os seus espaços verdes ao público. Por exemplo, o jardim da Caixa Geral de Depósitos, na avenida João XXI, ou o jardim da Biblioteca Nacional, no Campo Grande, estão agora disponíveis para fruição dos lisboetas, aumentando o número de áreas verdes próximas das habitações.

Um cidade de bairros

Lisboa tem a ambição de se tornar numa "cidade de bairros", na qual qualquer pessoa pode fazer a sua vida quotidiana a pé ou de bicicleta, não demorando mais de 15 minutos nas deslocações. Uma visão que reconhece os bairros como o núcleo fundamental da cidade, com equipamentos de proximidade, serviços públicos, transportes, zonas de lazer e comércio. Nesta cidade de "ciclo curto", o espaço local torna-se o centro do dia-a-dia dos lisboetas.

Esta visão de mobilidade sustentável assumiu maior premissa com a pandemia: era preciso desconcentrar as deslocações e alargar o espaço pedonal. Lisboa ganhou assim cerca de 20 novos quilómetros de ciclovia, a maioria delas *pop-up* — executadas com sentido de urgência e com materiais de custo controlado para permitirem um período de avaliação. No total, a cidade tem agora 125 quilómetros de ciclovia; com 20 quilómetros adicionais em construção ficar-se-á mais perto do objetivo: 200 quilómetros de rede ciclável.

Criou-se também o programa de apoio à compra de bicicletas. Em 2020, já foram atribuídos



600 mil euros na subvenção de 3304 bicicletas (a maioria dos requerentes optou por modelos convencionais, mas foram as elétricas e 11 *cargobikes* as que mobilizaram mais verba). A nova edição deste programa abrangerá também empresas, IPSS e juntas de freguesia, com a autarquia a estender os apoios a bicicletas de carga não elétricas, também com procura, e a atribuir dois *vouchers* de desconto, um para reparação e outro para disposi-

tivos de segurança e acessórios para transporte de crianças.

Nesta visão global de mobilidade suave e usufruto do espaço público estão também os incentivos para que os lisboetas andem mais a pé: alargaram-se ruas e passeios, fecharam-se artérias ao trânsito e delimitaram-se áreas para esplanadas, no âmbito do programa A Rua é Sua.

A água não é infinita

Para evitar o desperdício deste bem escasso, o município tem vindo a instalar contadores inteligentes em locais de grande consumo (para detetar rapidamente perdas ou uso excessivo), e programadores de rega inteligentes (que regam de acordo com a previsão meteorológica).

Noutra vertente, tem-se investido na substituição da água potável por fontes hídricas alternativas.

PREVENIR INUNDAÇÕES

PLANO GERAL DE DRENAGEM

É uma obra que prepara Lisboa para fenómenos de precipitação extremos e “revoluciona” o sistema de esgotos e drenagem da cidade. Tem um orçamento previsto de 240 milhões de euros. E no entanto, mal a vemos. Está a decorrer desde 2016 e prolonga-se, em fases sucessivas, até 2030. Combina soluções de base natural – como bacias de retenção da água das chuvas e paisagismo preventivo – com reservatórios e tubos de escoamento com controlo inteligente de caudais. A construção dos dois túneis “gigantes” que integrarão a rede deverá iniciar-se ainda no primeiro semestre do ano. Um entre Monsanto e Santa Apolónia, com cerca de cinco quilómetros, e outro entre Chelas e Beato, com um quilómetro. Este investimento ronda os 133 milhões de euros. Foram, entretanto, terminadas as obras na avenida Infante D. Henrique e em diversas zonas do Parque das Nações, com a construção de um microtúnel de 325 metros e 1,2 metros de diâmetro, e concluídas duas bacias de retenção/infiltração no Vale da Ameixoeira e no Alto da Ajuda (para mais informação sobre o Plano de Drenagem consultar a revista Lisboa n.º 30). ● JOSÉ MANUEL MARQUES

Até 2025, o objetivo é usar água reciclada em 30% do consumo não potável (como, por exemplo, a rega e lavagem de ruas), num investimento de 16 milhões de euros.

Em simultâneo, procura-se recorrer a fontes alternativas, desde que sustentáveis, como a captação de aquíferos (por exemplo, em furos já existentes no Campo Grande e Parque Eduardo VII); e fontes de água de nascente em torno da cidade – o Aqueduto das Águas Livres será reativado para este objetivo.

Aproveitar a energia solar

As fontes energéticas de Lisboa irão mudar nos próximos anos. A nova central fotovoltaica em Carnide, em fase de contratação pública, é um dos projetos estratégicos na terceira capital da Europa com mais horas de sol. Este empreendimento irá integrar uma futura comunidade de energia renovável, conceito legal que permite que indivíduos e instituições se possam associar para partilhar o investimento em energia sustentável e colher coletivamente os seus benefícios.

Menos desperdício e mais reciclagem

Além da separação do lixo, a compostagem, aproveitando os resíduos orgânicos, tem sido adotada por cada vez mais lisboetas. Desde 2018, o projeto Lisboa a Compostar já deu formação em compostagem doméstica a cerca de 4 mil residentes e distribuiu 2750 compostores. Há também 14 compostores comunitários acessíveis em vários pontos da cidade. Entretanto, a segunda fase do projeto-piloto “Restos de comida não são lixo” já arrancou no Lumiar, Santa Clara e Alta de Lisboa, pondo em prática um sistema de recolha de lixo orgânico (contentor castanho).

Depois de reforçar o número de equipamentos públicos para deposição de lixos (eco-ilhas, papeleiras e contentores), a autarquia está também a alargar a rede de oleões (mais 160). Simultaneamente, prossegue a entrega de sacos para reciclagem em todas as habitações de Lisboa. ●

RESISTÊNCIA E LIBERDADE

O ALJUBE

*A dois passos da Sé de Lisboa,
na Rua Augusto Rosa, o edifício do Aljube
nunca serviu desígnios misericordiosos.
É hoje o museu da Resistência e Liberdade.*

TEXTO DE
LUÍS MIGUEL CARNEIRO

O simples pronunciar do nome desencadeia ressonâncias sinistras. Há quem ainda se recorde de ouvir, como um aviso, “olha que ainda vais parar ao Aljube”. Desde o período islâmico que a palavra Aljube tem a conotação que ainda hoje lhe atribuímos: o termo, que em árabe designava uma cisterna ou poço, também significava uma prisão. E prisão eclesiástica seria, ao longo da Idade Média, com o encarceramento de religiosos caídos em desgraça. Depois de obras, foi palácio episcopal durante a primeira metade do século XVII, retomando depois a função anterior. Com o advento do liberalismo, no século XIX, o edifício (pouco afetado pela destruição do terramoto de 1755) passou a prisão para acusados de delitos comuns e, no final da Monarquia e na Primeira República, para mulheres – sendo deste período o acrescento de mais um piso.

FOTO: JOSÉ ARTUR BARBOSA, PATIO DO ALJUBE (AN TERROUR A 1945),
ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA, FOTOGRAFICO

Prisão política no Estado Novo

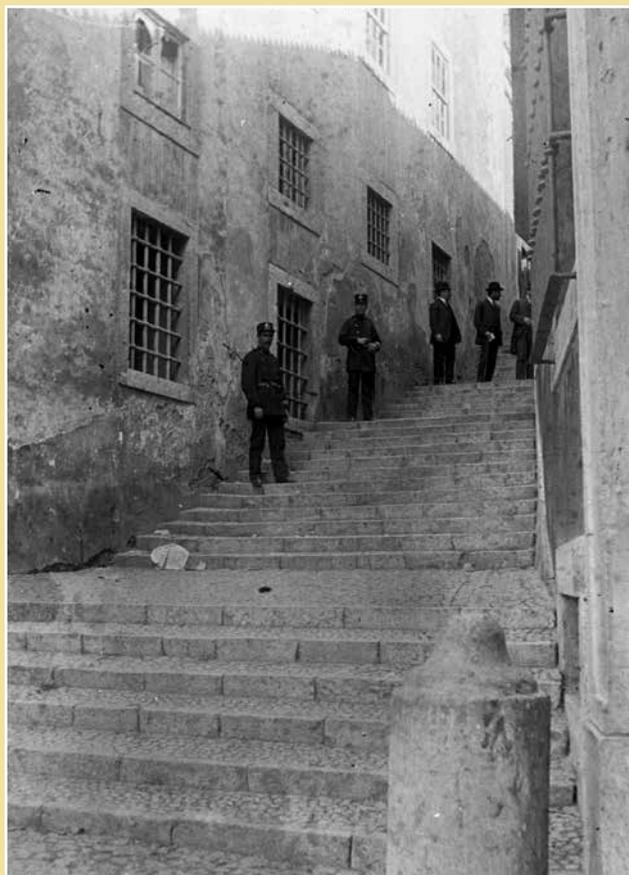
Após a instauração da ditadura militar, em 1926, o Aljube serviu para encarcerar os opositores sem culpa formada.

Com o agudizar da resistência à ditadura e a radicalização das lutas sindicais, a cadeia começou a servir para a clausura de presos políticos. A partir de 1928, dezenas de anarquistas, anarcossindicalistas e outros militantes das causas operárias, tal como muitos republicanos envolvidos nos levantamentos para reverter o curso político (o “revirinho”) — aguardaram aqui a sentença dos Tribunais Militares Especiais, a deportação para as ilhas atlânticas ou o desterro nas colónias.

A partir da consolidação do Estado Novo, em 1934, a cadeia passa a funcionar como prisão privativa da polícia política (a PVDE, mais tarde PIDE) para os “presos políticos e sociais”. Ao Aljube afluíam os detidos sem culpa formada, muitos oriundos de esquadras de polícia, do Governo Civil ou de outras prisões, para serem entregues aos torturadores para interrogatório no quarto piso ou na sede da PIDE, ficando muitas vezes incomunicáveis até serem presentes a Tribunal Plenário.

Depois de condenados, eram enviados para outras prisões ou para o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde.

Os prisioneiros considerados “mais perigosos” eram encerrados nas celas de isolamento — os “curros” do segundo piso,



Cadeia do Aljube, guardas prisionais (s/ data).

construídos por volta de 1940. Eram 13 celas de “solitária”, com pouco mais de 1,20 por 2,20 metros, tendo como cama um catre basculante que, abaixado, quase não deixava mais espaço na cela.

“Fui conduzido a um corredor

onde havia uma parede longa com uma série de portas, metro a metro. (...) Aberta uma das portas, deparei com outra porta e a seguir um buraco, nele um catre, coberto com uma serapilheira e duas mantas. Ao lado um escarrador sobre uma “banqueta” e um

púcaro de alumínio para a água. O buraco não tinha luz.” —

1962, carta de Arlindo Vicente, candidato à Presidência da República em 1958, desistindo para Humberto Delgado, após o Pacto de Cacilhas celebrado entre as duas candidaturas.

As condições prisionais desta cadeia e as torturas a que os presos eram sujeitos durante o período de interrogatório foram causa de doença e morte. No último piso funcionou uma enfermaria, por onde passaram centenas de presos, vindo a falecer aqui ou entregues para morrer nos hospitais. Aos presos que deixavam a situação de incomunicabilidade era permitida uma visita semanal

por familiares, que ocorria no parlatório do primeiro piso. Em 1965, meses depois de uma manifestação de familiares de estudantes detidos num dia de janeiro, manifestação que foi violentamente reprimida, e de uma campanha internacional, o

FOTO: EDUARDO ALEXANDRE CUNHA, ALJUBE - S/D, ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA - FOTOGRAFICO

regime viu-se forçado a encerrar esta prisão.

Milhares de prisioneiros, conhecidos e anónimos

Durante o Estado Novo, cerca de 30 mil detidos passaram pelas celas do Aljube, a maioria sem culpa formada.

Republicanos e monárquicos, socialistas e liberais, maçons e católicos, anarcossindicalistas e independentes, gente de todas as tendências da oposição à ditadura passou por esta cadeia. Contudo, a grande maioria seriam os comunistas, a principal força organizada de combate ao regime. Mesmo Adriano Moreira, que mais tarde viria a ser ministro do Ultramar, não se esquivou a uma prévia detenção nesta sinistra cadeia.

Entre muitos milhares de resistentes de todas as condições sociais, incluindo muita gente anónima de cujo nome se perdeu o rasto, destacam-se: Álvaro Cunhal, líder do PCP, e outros dirigentes deste partido, como Jaime Serra, Francisco Miguel ou Domingos Abrantes, o historiador António Borges Coelho, o capitão Henrique Galvão, o dirigente da LUAR Herminio da Palma Inácio, o ativista católico Nuno Teotónio Pereira e o jornalista Raul Rego.

Mário Soares era ainda uma

criança quando entrou pela primeira vez neste espaço para visitar o pai que estava detido, e com quem viria mais tarde a partilhar uma cela. Noutra ocasião, partilhou a cela com o pintor Júlio Pomar. Aqui casaria com Maria Barroso, a quem, durante



Museu do Aljube, interior.

outra detenção, viria a dedicar estes versos: "Para ti / meu amor / levanto a voz / no silêncio / desta solidão em que me encontro."

Também Miguel Torga, um dos mais destacados poetas daquela época, escreveria alguns poemas durante a sua estadia no Alju-

be em 1939-40 evocando a sua penosa situação. Comunista, o escritor Urbano Tavares Rodrigues foi detido diversas vezes. Numa delas, em 1963, cruzou-se com o realizador Manoel de Oliveira, que vinha de um interrogatório, já sem os atacadores dos sapatos,

como acontecia a quem ficava detido. Com mandato de captura desde 1962 (devido a um abaixo assinado condenando o assassinio do pintor José Dias Coelho pela PIDE), em 1966 foi a vez de ser detido e enviado para o Aljube o filósofo Eduardo Lourenço, de regresso a Portugal para visitar a sua irmã, professora carmelita em Fátima.

O sacerdote angolano Joaquim Pinto de Andrade, um dos fundadores do MPLA, passou por esta cadeia três vezes, tendo numa delas ficado cinco meses incomunicável nos “curros”. Já na cela partilhada do piso superior, encontrou forma de amenizar as agruras da má alimentação, trocando com o companheiro de infortúnio còdea por miolo do pão, já que

um gostava mais da còdea e outro do miolo.

As evasões

Não foram muitos aqueles que lograram escapar desta prisão. Mas a necessidade aguça o engenho e registaram-se algumas

FOTO: ANA LUÍSA ALVIM

fugas bem sucedidas, como aquelas que implicaram neutralizar guardas em 1932, com Emídio Guerreiro, ou, em 1948, com Palma Inácio.

Já em 1938, Francisco da Paula Oliveira (Pavel), destacado dirigente comunista, com a cumplicidade de um enfermeiro, conseguiu alcançar a escada de um prédio vizinho entrando pela claraboia. Outra notável evasão teve como protagonistas três funcionários do PCP, incluindo Carlos Brito (que enganava o passar do tempo a recitar poemas, no curro número 7, entre visitas à sede da PIDE, para interrogatórios e espancamentos). A fuga envolveu as tradicionais operações de serrar grades e usar cordas feitas de lençóis, de modo a saltarem, numa noite, para o telhado contíguo e daí para a rua – espaço da liberdade. Conforme foi contado a Carlos Brito depois do fim da ditadura, por quem era ainda criança à altura dos acontecimentos, os vizinhos que moravam por baixo desse telhado ouviram os passos, e um pai tranquilizou o filho: “São os gatos”. Ambos sabiam de que “gatos” se tratava... ●

MUSEU DO ALJUBE



Museu do Aljube, reconstituição de um “curro”.

Resistência e Liberdade

UMA CASA DE HOMENAGEM E MEMÓRIA

Abril evoca aquele “dia inicial inteiro e limpo” de 1974, nas palavras de Sophia. E a memória dos “tempos de chumbo” é a garantia maior na preservação da liberdade.

Inaugurado em 2015, este museu histórico gerido pela EGEAC, empresa pública municipal, funciona como repositório da memória da resistência contra a ditadura e como fórum na defesa das liberdades.

A recuperação do edifício (que, depois do encerramento como prisão política, em 1965, fora adaptado como extensão da prisão do Limoeiro e para instalação de serviços do Ministério da Justiça) resultou de um projeto do arquiteto Manuel Graça Dias e desenho museológico de Henrique Cayatte.

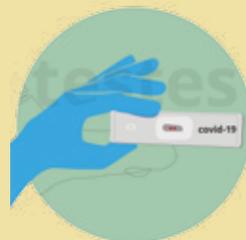
Os seis pisos permitem ao público uma visão do que foi viver em ditadura e dos sacrifícios de quem lutou pela liberdade. O piso térreo acolhe as exposições temporárias enquanto o piso enterrado se destina a revelar a história do local, desde o período romano. Nos restantes pisos, está patente, em permanência, parte do espólio do museu – incluindo os “curros” onde se confinavam os presos em isolamento. Subir é como viajar da ditadura para a liberdade. No último piso, com uma invejável vista sobre a zona da Sé, fica o auditório e a cafetaria.

A atividade desta casa de cultura e memória não se limita ao espaço expositivo, pois tem serviço educativo e promove conferências, debates, filmes e muita investigação. Nos períodos de acesso condicionado ou encerramento, devido à pandemia, estas iniciativas podem ser acompanhadas nas plataformas digitais. E vem à memória a frase com que se apoiavam entre si as mulheres presas pela ditadura: “coragem hoje, abraços amanhã”. ● LMC

SAÚDE

Plano municipal de testes gratuitos

Os moradores de todas as freguesias de Lisboa, independentemente dos índices de contágio, podem fazer testes antígenos gratuitos, duas vezes por mês. Basta agendar diretamente ou por telefone na sua farmácia ou em qualquer outra que esteja abrangida pelo plano, apresentar prova de que reside em Lisboa e ter mais de 16 anos. A lista das farmácias aderentes pode ser consultada nos *sites* da Câmara Municipal de Lisboa (*lisboa.pt*) e da Associação Nacional de



Farmácias (*afp.com.pt*). Também os comerciantes das feiras e dos mercados da cidade, assim como os seus empregados inscritos, podem efetuar o teste na unidade móvel de saúde da CML, no seu mercado ou numa das farmácias do programa de vacinação. Para esclarecimento de dúvidas e outras informações ligue 1400 (número gratuito).

COVID-19



Vacinar, vacinar, vacinar

APOIO A DESLOCAÇÕES DE PESSOAS COM MAIS DE 80 ANOS OU DE 50 COM PROBLEMAS DE MOBILIDADE

Milhares de lisboetas foram já vacinados em sete centros de vacinação destinados a esse fim. O último centro foi inaugurado nas instalações do edifício dos serviços sociais da Câmara Municipal de Lisboa, nas Olaias, onde funciona também a unidade de saúde familiar do Areeiro. Estes centros resultam da conjugação de esforços financeiros e logísticos da autarquia, do Serviço Nacional de Saúde e das juntas de freguesia.

Com o objetivo de facilitar a deslocação de pessoas com mais de 80 anos, ou mais de 50 que apresentem problemas de mobilidade, a Câmara Municipal também disponibiliza um serviço gratuito de táxis.

O processo é simples: quando for convocado para a toma da vacina, ligue para o número 218 172 021 e solicite o transporte por táxi (ida e volta). Os custos do serviço são assegurados pela autarquia. ● PAULA CEREJEIRO

Proteger a saúde mental

A autarquia de Lisboa e a associação ManifestaMente (*manifestamente.org*) estão a desenvolver um programa conjunto de intervenção na área da saúde mental. Colaboradores da Câmara Municipal recebem formação à distância para aumentar a sua literacia em saúde mental, capacitando-os para o desenvolvimento de projetos concretos



e com impacto junto das populações. Estas sessões de “Capacitação de Dinamizadores Locais” estão inseridas no programa “Kit Básico de Saúde Mental para as Autarquias”, concebido pela associação ManifestaMente, com patrocínio do Programa Nacional para a Saúde Mental da Direção-Geral da Saúde e em parceria com a Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo.

COMÉRCIO RESPONSÁVEL

Mercado alimentar no Hub Criativo do Beato



Dois edifícios com 1700 m² no Hub Criativo do Beato irão receber a “Praça” – um mercado alimentar dedicado aos produtos e produtores portugueses, e que pretende ser “uma inovadora experiência de retalho alimentar e restauração”. Este projeto, vencedor de um concurso lançado pela Startup Lisboa, quer promover práticas alimentares saudáveis e ambientalmente conscientes: produtos frescos, biológicos e artesanais, vindos diretamente do produtor. Um mercado de frutas e legumes, peixaria, talho, adega, alimentos vegetarianos, um espaço dedicado ao azeite, queijaria, charcutaria, mercearia a granel, padaria e um refeitório (que recupera o antigo refeitório da Manutenção Militar) vocacionado para a cozinha portuguesa, genuína e regional. Entretanto, a “Praça

Digital” já funciona online, envolvendo 140 produtores com cerca de 700 produtos para entrega ao domicílio.

Fruta Feia passa com distinção

Desde 2013, quando se estabeleceu no Intendente, a Cooperativa Fruta Feia conseguiu evitar que mais de 2500 toneladas de alimentos fossem para o lixo, destino habitual. Só em Portugal, são desaproveitados um milhão de toneladas de produtos alimentares, o equivalente a 17% da produção agroalimentar nacional. Para combater esse desperdício, a cooperativa compra diretamente aos mais de duzentos produtores associados, dos arredores de Lisboa, produtos que, pelo seu aspeto, são recusados pelas grandes cadeias de distribuição. Estes são depois adquiridos pelos consumidores associados, em cestas de 4 ou 8 kg de fruta e legumes (no valor de 3,6 euros e 7,2 euros, respetivamente).

No âmbito do seu projeto FLAW4LIFE, a Cooperativa Fruta Feia foi distinguida nos Prémios Life 2020 da União Europeia, que promovem este tipo de prática: o de Melhor Projeto, na categoria Ambiente, e o Citizen’s Prize (projeto mais votado pelo público). A Fruta Feia permite

um mercado alternativo, de proximidade (con-torna diversos degraus da intermediação), e é financeiramente atrativo para agricultores e consumidores pela oferta de produtos da época e da região a preços mais baixos. Ao mesmo tempo, promove a poupança de gastos de produção e de recursos naturais e evita a emissão de gases (como o dióxido de carbono e o metano) resultantes da decomposição dos produtos não consumidos e do transporte de longa distância.

Entretanto, o movimento da Fruta Feia já chegou a diversos concelhos do país e continua a expandir-se. Para aderir a esta cooperativa, consulte frutafeia.pt.

AMBIENTE E ESPAÇOS VERDES

Monsanto com novo miradouro, pomar e parque hortícola



O Parque Florestal de Monsanto tem um novo miradouro e um pomar nas imediações do tribunal, após a planta-

ção das primeiras árvores fruteiras. O pomar terá 656 novas árvores que se estendem em socalcos: limoeiros, tangerineiras, macieiras, figueiras, pessegueiros e pereiras.

A área total de cerca de 10 hectares incluirá, numa segunda fase, uma zona de parque hortícola (cujos talhões serão atribuídos em concurso) e a reabilitação de um prado, de um olival e de um amendoal, preexistentes. A comunidade prisional em fase final de cumprimento de penas estará envolvida na gestão agrícola da área. Esta iniciativa surge na sequência da bem-sucedida criação na cidade de áreas verdes com funções agrícolas, como uma vinha, pastos para ovinos no Parque da Bela Vista e diversas hortas urbanas.

Junto ao Mercado de Arroios peões ganham ruas coloridas

Melhorar o acesso ao mercado e a segurança rodoviária, promover o comércio local e aumentar as áreas pedonais e de esplanada são os objetivos da intervenção que decorre junto ao mercado de Arroios. Vão também ser plantadas 14 novas árvores.

Com este projeto o estacionamento é regulariza-

do, através da criação de lugares para moradores, comerciantes e utentes do mercado, e de zonas de cargas e descargas / tomada e largada de passageiros e eliminação de paragens em segunda fila.

Nas interseções dos arruamentos que desembocam na praça do mercado, num total de quase 1200 m² de nova área pedonal, o coletivo artístico Boa Hora Estúdio concebeu quatro intervenções artísticas, preenchendo o pavimento com muita cor e criatividade.

MOBILIDADE

Carris compra mais elétricos articulados e novos autocarros

São 15 novos elétricos articulados, para reforçar e ampliar o trajeto da linha 15E (que ligará Jamar, Santa Apolónia e Parque das Nações), e 30 novos autocarros elétricos. O investimento total ronda os 60 milhões de euros e inclui 16 postos de carregamento duplo. Trata-se da maior compra da Carris desde a sua fundação.

A opção por veículos elétricos vai ao encontro de uma política de mobilidade sustentável, com a redução das emissões carbónicas.

A autarquia é, desde há quatro anos, a únicaacionista da Carris, per-

ARTES E OFÍCIOS



Valorização da Calçada Portuguesa

O costume de calcetar os pavimentos pedonais com pedra calcária branca e negra, esculpida e criando mosaicos de composições geométricas ou figurativas, remonta ao século XIX, quando o governador do Castelo de S. Jorge, onde estava instalado um presídio, usou a população prisional que tutelava, os “grilhetas”, para pavimentar a placa central do Rossio (replicando uma experiência que mandara executar intramuralhas). Foi, assim, criado um padrão ondulado que ficou conhecido por “mar largo”. Esta forma de pavimentação generalizou-se por toda a cidade, estendendo-se às cidades do país e da lusofonia.

A “Arte e Saber-Fazer da Calçada Portuguesa” é agora candidata ao Inventário Nacional de Património Cultural. A formalização da proposta de inscrição nesta lista, apresentada em março, decorre de uma iniciativa conjunta da autarquia e da Associação da Calçada Portuguesa.

Desde 1986 que existe uma Escola de Calceteiros (instalada na Quinta do Conde dos Arcos, Olivais), para preservar a técnica e a arte desta calçada. Os mestres calceteiros desta escola têm sido solicitados para aplicar ou ensinar a sua arte em numerosas cidades estrangeiras. Usando um martelo para esculpir e um maço para compactar, recorrem a uma dezena de diferentes técnicas para estender a calçada artística e podem usar moldes para aplicar frisos e planos, compondo simetrias e motivos, muitas vezes inspirados em criações originais de artistas plásticos portugueses. ● LMC

mitindo-lhe uma gestão mais próxima das necessidades dos cidadão, como aconteceu durante a pandemia em que se aumentou a oferta. Já foi assinado o contrato de aquisição dos elétricos e lançado o concurso público para compra dos autocarros.

DIREITOS SOCIAIS

Portal Lisboa Acolhe

Os imigrantes têm agora um portal para partilha de informações úteis para quem é recém-chegado à cidade. Regularização da situação, ajuda no acesso à saúde, habitação e educação, legislação laboral, discriminação e igualdade de género são alguns dos temas e questões que aqui se podem encontrar. Desenvolvido por imigrantes (com a participação de 13 grupos e centena e meia de pessoas), a partir da Casa do Brasil, a iniciativa decorreu no âmbito do II Plano Municipal para a Integração de Migrantes. Arrumado em quatro grandes áreas (acolhimento e direitos, integração e participação, interculturalidade e apoio ao imigrante), o lisboaacolhe.pt é mais um instrumento para a construção de uma cidade inclusiva e solidária.

HABITAÇÃO



Rendas acessíveis

ABRIR A CIDADE A QUEM A QUER HABITAR

Os jovens à procura de habitação e famílias de classe média têm a possibilidade de concorrer a casas com uma renda acessível, calculada em função dos seus rendimentos, através do Programa municipal Renda Acessível (PRA), de que já demos conta em edição anterior (ver revista Lisboa n.º 28).

Recentemente, foi aberto concurso (o 5.º no âmbito deste programa) para 118 apartamentos na praça do Saldanha, avenida da República e rotunda de Entrecampos. Trata-se de um conjunto de edifícios adquiridos pela autarquia à Segurança Social. O primeiro lote de casas reabilitadas oferece tipologias de T0 a T4, procurando responder à necessidade de diferentes agregados.

Além da reabilitação de edifícios, o município está a promover construção de raiz para colocar no Programa Renda Acessível. Na avenida das Forças Armadas, o primeiro de quatro lotes encontra-se quase concluído. Integralmente financiado pela autarquia, este empreendimento disponibilizará, no total, 476 casas, contando com diversas estruturas públicas e espaços verdes, que ocuparão 10 mil metros quadrados.

O preço médio da renda das primeiras 273 casas entregues foi de 340 euros, e as regras de candidatura e valores cobrados são os mesmos para todos os concursos do programa.

Entretanto, foi também aprovado o lançamento de mais três empreendimentos: em Benfica, Paço da Rainha e Parque das Nações, que envolvem a construção de cerca de 1000 habitações, das quais 700 estarão em regime de renda acessível. ● SUSANA PINA
Para mais informações: lisboarendaaccessivel.pt/.

O CAMPO NA CIDADE

Quinta Pedagógica dos Olivais comemora 25 anos



EM ABRIL DE 1996 os portões da Quinta Pedagógica dos Olivais abriram-se ao público pela primeira vez. Lisboa passou a dispor de um local, de acesso livre e gratuito, que oferece a todos a oportunidade de viverem a vida no campo.

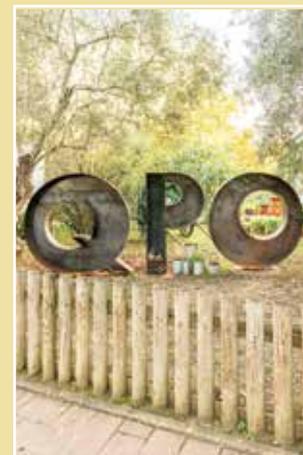
Hoje, neste espaço com 16 hectares, existem mais de 80 animais, muitos deles de raças autóctones portuguesas, entre vacas, ovelhas, cabras, cavalo, burros, porcos, coelhos, cisnes e, em maior quantidade, patos, gansos, galinhas ou periquitos.

É possível passear pela horta e pelo pomar, conhecer legumes e frutos, cheirar as ervas no jardim das aromáticas, ver a “Árvore das Chu-

chas” e os espantalhos espalhados pela Quinta ou, simplesmente, brincar no relvado.

Todos os anos, são recriadas as principais tradições rurais do país, a Apanha da Azeitona, a Desfolhada ou o Dia da Espiga, e experimentar o dia-a-dia de uma quinta, incluindo o tratamento dos animais domésticos, a compostagem, a confeção de pão ou de doce, e muitas outras atividades pedagógicas relacionadas com a agricultura, conservação das espécies, biodiversidade ou alimentação saudável.

Para assinalar os seus 25 anos, a Quinta inaugurou um *Alojamento Local* para insetos, uma estrutura preenchida



com cortiça, pinhas, folhas e ramos de árvores que servirá para abrigar polinizadores e outros animais. Também no âmbito das comemorações, foi construído um Mural de Partilhas. Através de um apelo nas redes sociais, os visitantes disponibilizaram registos das suas experiências na Quinta: uma homenagem a todos os que criam memórias neste espaço, em particular aos milhares de crianças que — muitas pela primeira vez — aqui aprendem qual a origem e de que forma se confeccionam alguns alimentos.

Esta efeméride foi também pretexto para o lançamento de um novo *site*, com melhor acesso e conteúdos, permitindo, mesmo à distância, participar na vida da Quinta.

Desde a sua inauguração, este equipamento municipal recebeu, em média, 160 mil visitantes por ano. ●

FOTOS: ANA SOFIA SERRA; ILUSTRAÇÃO: JOSÉ CARRAPATOSO



PRÉMIOS



Uma cidade para as famílias

Lisboa foi considerada a segunda melhor cidade do mundo para criar uma família. No estudo realizado pela empresa britânica CIA Landlord, a cidade foi a melhor pontuada nas atividades ao ar livre, obtendo também boas classificações na qualidade de vida, taxa de criminalidade (das mais baixas) e no número de escolas. Já o primeiro lugar foi para a capital islandesa Reiquejavique, tendo ainda acesso ao pódio a cidade de Wellington, na Nova Zelândia.

Uma cidade com futuro

Lisboa foi escolhida entre mais de 150 cidades mundiais como um dos “21 Lugares do Futuro”. É uma das três cidades europeias incluídas na lista da Cognizant, empresa multinacional promotora de um estudo independente para identificar os principais 21 lugares em todo o

mundo onde a inovação está a crescer. No centro da avaliação encontram-se três itens bem definidos e que são considerados essenciais para o sucesso de cada uma das cidades: governo local, qualidade das escolas e universidades e acesso ao capital privado. O estudo considera ainda as infraestruturas físicas, ambiente (sustentabilidade), estilo de vida (diversidade e inclusão), cultura e entretenimento, arquitetura, infraestrutura digital, grupos de talento e acessibilidades.

Uma cidade para expatriados

Segundo a revista Forbes, a sondagem “Melhores e Piores Cidades para os Expatriados”, promovida anualmente pela organização Internations junto daqueles que decidem mudar de país para viver, Lisboa alcança o terceiro lugar entre as melhores cidades, obtendo votações expressivas em indicadores como “qualidade de

vida”, “lazer” e “clima”. Valência, em Espanha, ficou classificada em primeiro lugar, seguida por Alicante, também no país vizinho, enquanto Paris se quedou por um modesto 61.º lugar, devido às dificuldades inerentes ao custo de vida, qualidade de vida urbana ou acesso à habitação.

EDUCAÇÃO

Benfica com nova escola básica

A primeira pedra da nova Escola Básica Arquitecto Ribeiro Telles, no Bairro da Boavista, em Benfica, foi colocada no dia 23 de março. É o maior investimento de sempre do município num estabelecimento escolar, no montante de 10 milhões de euros. A nova escola terá sete salas para jardim de infância, oito salas de 1.º ciclo, instalações para a Orquestra Geração, um amplo recreio verde e campo de jogos. Uma área fica reservada para a construção de uma futura creche.

EXPOSIÇÃO

Nove décadas do Parque Florestal de Monsanto

Uma exposição para lembrar a história do “pulmão da cidade”, uma superfície com aproximadamente 900 hectares, que ocupa cerca de 10% da área do concelho.

Esta mostra, em exibição no Centro de Interpretação de Monsanto, acompanha o debate público em curso, no qual os cidadãos podem apresentar as suas ideias e discutir o futuro deste Parque Florestal. Este processo dará origem a um plano para melhorar e aprofundar o papel do Parque na ecologia e fruição da cidade, durante a próxima década.

A ideia de arborizar Monsanto — era então uma área coberta por searas e pastos para gado — nasceu ainda no século XIX. Mas só no dealbar da década de 1940 se iniciaram as campanhas de plantação.

O Parque Florestal de Monsanto recebeu, em março de 2016, a Certificação da Gestão Florestal no âmbito do Forest Stewardship Council, a mais importante a nível mundial na gestão ambiental destas áreas. cidadania.lisboa.pt/ferramentas/em-debate
Envio de propostas: dmaevce.dev@cm-lisboa.pt

FOTO: NUNO CORREIA; ILUSTRAÇÃO: JOSÉ CARRAPATOSO

EXPOSIÇÃO

Uma viagem imersiva pelo património natural português

A exposição Variações Naturais — Uma viagem pelas paisagens de Portugal, em exibição no Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa, mostra-nos, com rigor científico e de forma cativante, quão vasto é Portugal em riqueza natural e biodiversidade.

O roteiro desdobra-se por diferentes ecossistemas, estimulando os sentidos: o património natural cheira-se nas aromáticas do montado, sente-se no frio da montanha, ouve-se na água que cai das cascatas, toca-se nos líquenes da floresta e vê-se nos exemplos de áreas protegidas.

A viagem de sensações começa na cidade, onde vive a maioria dos portugueses. Tal como o homem se adapta, o mesmo acontece com os animais: os pardais cantam mais alto para se fazerem ouvir no meio do ruído citadino, e os morcegos abrigam-se em pontes e prédios.

Da metrópole subimos à montanha, para nos deslumbrarmos com as paisagens monumentais e

aproximamo-nos do lobo ibérico que, em tempos, povoou o país do Algarve ao Gerês. Dos pincares de Portugal, a visita continua rio abaixo, onde temos uma vista privilegiada para as espécies fluviais que normalmente não conseguimos ver. Segue-se um “mergulho” na gruta — em Portugal encontramos, por exemplo, a aranha mais pequena da Europa. Reemergindo à superfície, é hora de descobrir os tons de verde: os carvalhais, bosques e matos, mas também o montado e os campos de cereais, que cobrem quase 70% do território português.

Um cais palafítico guia-nos até ao estuário, onde as águas do rio encontram o mar. Há milénios que os estuários — com as suas

salinas e terras férteis — são o local de florescimento de civilizações. A exposição termina com um mergulho no oceano, o habitat com a maior biodiversidade do planeta que representa 70% da superfície da Terra.

Organizada pela autarquia (no âmbito da Lisboa Capital Verde Europeia), com o apoio do Instituto da Conservação da Natureza e Florestas, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do museu que a acolhe, esta exposição deverá ficar em exibição até 2023. É uma viagem inebriante pelo nosso imenso património natural, com 140 espécies representadas, algumas delas únicas no mundo. **RPC** ● museus.ulisboa.pt



Gaspar Varela, o rapaz da guitarra

Com apenas 17 anos, é um guitarrista e compositor aclamado. Há dois anos, fez-se ao mundo a convite de Madonna, atuando na digressão do espetáculo Madame X.

DIZ-SE QUE “quem sai aos seus, não degenera”: Gaspar é bisneto da fadista Celeste Rodrigues e do ator Alberto Varela Silva, filho do cineasta e produtor Diogo Varela Silva, e irmão de Sebastião Varela, músico e realizador de cinema.

Uma história lisboeta.

LISBOA Como é que isto tudo começou?

GASPAR VARELA Começou com a minha avó, Celeste Rodrigues. Ela cantava e eu sempre quis tocar com ela. Pela mão do meu mestre, Paulo Parreira, fui aprender a tocar guitarra portuguesa para a poder acompanhar. Os meus pais ofereceram-me uma guitarra quando fiz seis anos. Felizmente, consegui realizar aquele sonho – mais do que uma vez.

LISBOA Quando foi a primeira vez que tocaste com a tua avó?

GASPAR VARELA Aos sete anos, numa Gala da Rádio Amália. Toquei o *Fado das Horas*, que era o único que sabia tocar – um fado que ela não costumava cantar, mas fez-me esse favor.



que há para aperfeiçoar-mos o nosso tocar. Nas casas de Fado há proximidade com o público.

LISBOA Depois veio o primeiro disco...

GASPAR VARELA Aos treze anos recebi um convite da diretora do Museu do Fado, Sara Pereira, para gravar um álbum. Aos catorze gravei-o e aos quinze lancei-o. Quando o estava a gravar a minha avó morreu e decidi incluir o Fado Celeste, com a sua voz. Foi a minha homenagem a ela, e aos guitarristas que são as minhas referências. Incluí também um fado, chamado *Lisboetas*, que compus com o meu irmão Sebastião.

LISBOA E concertos?

GASPAR VARELA Além das atuações habituais, houve o concerto no CCB, para apresentar o álbum, e a participação em espetáculos e festivais. E também toquei no Lux Frágil, uma experiência para quem ainda nem tinha idade para poder entrar nessa discoteca, onde se cruzam diversas gerações.

LISBOA E acontece a digressão com

Via-se a felicidade na cara dela. E eu estava feliz, era a primeira vez que pisava um palco.

LISBOA Também passaste pelas casas de Fado?

GASPAR VARELA Sim, e continuei a tocar em casas de Fado, por vezes só para me juntar aos guitarristas que estão lá a fazer a noite, que é a melhor escola

a Madonna...

GASPAR VARELA Foi um tempo fantástico! Estar com ela, com os músicos, os bailarinos, os técnicos, contribuiu para me abrir outros horizontes. Foi uma fonte de motivação para explorar a guitarra portuguesa noutros estilos.

LISBOA Como é que surgiu essa oportunidade?

GASPAR VARELA Ela apareceu numa casa de Fado, ouviu a minha avó cantar e resolveu voltar. Da segunda vez eu estava a tocar. Ela gostou e convidou-me para ir na *tournee*. Foram nove meses incríveis, para quem tinha quinze, dezasseis anos. Fizemos os Estados Unidos e, na Europa, Lisboa, Paris e Londres. Em Nova Iorque conheci o realizador de cinema Spike Lee, que veio aos camarins. Aprendi muito a ouvir as histórias e os conselhos dos artistas mais velhos, que há muitos anos andam em digressão.

LISBOA Depois dessa grande aventura, como foi voltar a Lisboa?

GASPAR VARELA Dois dias depois de regressar, foi imposta a primeira quarentena. Custou não poder estar de novo com os amigos. Mas Lisboa é... Lisboa. Não temos palavras para explicar, é uma cidade maravilhosa. É linda de morrer, multicultural, com identidade própria. Adoro passear pela cidade: Alfama, Madragoa, Bairro Alto... Que saudades!

LISBOA E como é um jovem artista viver em confinamento?

GASPAR VARELA Durante uns tempos não tive inspiração para criar nada. Estou fechado em casa, vou criar o quê? Só quando foi possível voltar às ruas e encontrar os amigos é que voltei a compor. Os concertos, o cinema, as exposições são coisas que fazem tanta falta! Nós precisamos da cultura e a cultura precisa de ser apoiada.

Lisboa precisa das artes, precisa das coisas a acontecer.

LISBOA E o próximo álbum?

GASPAR VARELA Não tem a ver com Fado, é mais *world music*, com temas originais. O primeiro álbum era a dizer “é daqui que eu venho”; este diz “é para ali que eu vou”. Todo o artista tem que ter a cabeça aberta para novos estilos. E penso lançar uns singles nas redes sociais. Para além da carreira a solo, também tenho uma banda com o meu irmão Sebastião e um amigo, o Rafael, que se chama Expresso Transatlântico. É um projeto para convidar outros artistas, numa diversidade muito lisboeta.

LISBOA Mesmo assim, consideras-te um fadista?

GASPAR VARELA Claro, eu sou do Fado! Mas, como artista, tenho de explorar tudo. Gosto do Fado e nunca o vou deixar. Não se deixa Lisboa. **LMC**

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Lisboa
Departamento de Marca e Comunicação

DIRETORA
Filomena Costa

DIRETOR-ADJUNTO
Luís Miguel Carneiro

DIRETOR CRIATIVO
Vasco Ferreira

EDITORA
Susana Pina

REDAÇÃO
José Manuel Marques, Lúcia Vinheiras Alves, Paula Cerejeiro, Sara Inácio. Colaboraram nesta edição: Mafalda Ferraz, Nuno Miguel Guedes, Rita Duarte Barbosa e Rita Pinto Coelho.

DESIGN, ILUSTRAÇÃO
E PAGINAÇÃO

João Ferreira, José Carrapatoso, Maria João Pardal, Sandra Lucas, Teresa Fernandes. Colaborou nesta edição: André Carrilho

Lisboa

FOTOGRAFIA
Nuno Correia (editor), Ana Luísa Alvim, Ana Sofia Serra, Américo Simas, Armindo Ribeiro, Carlos Moraes da Silva, Manuel Rodrigues Levita

RELAÇÕES EXTERNAS E PRODUÇÃO
Paula Cerejeiro, Raquel Antunes

ARQUIVO DMC
Ana Cosme

VERSÃO BRAILLE
Gabinete de Referência Cultural – Imprensa Municipal

ESTATUTO EDITORIAL
<http://www.cm-lisboa.pt/publicações-digitais/ultimas>

IMPRESSÃO
Lidergrafe - Artes Gráficas, SA - Tv. do Galhano 15, 4480-089 Árvore - Vila do Conde

TIRAGEM
300.000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL
341672 / 12

ISSN
2182-5556

INSCRIÇÃO NA ERC
Anotada

PERIODICIDADE
Trimestral

DISTRIBUIÇÃO
Gratuita

EDIÇÃO E REDAÇÃO (SEDE):
Rua Nova do Almada, 53, 1.º, 1200-288 Lisboa
Proprietário: CML – DMC / NIPC 5000051070

CONTACTOS
revistalisboa@cm-lisboa.pt
Telefone: 218 172 500
Rua Nova do Almada, 53, 1.º, 1200-288 Lisboa.



Homenagem

Carlos do Carmo

1939 - 2021

A cidade homenageia quem a cantou. Lisboa, Menina e Moça é agora a Canção Oficial de Lisboa.

No castelo, ponho um cotovelo
Em Alfama, descanso o olhar
E assim desfaz-se o novelo
De azul e mar
À ribeira encosto a cabeça
A almofada, na cama do Tejo
Com lençóis bordados à pressa
Na cambraia de um beijo

Lisboa menina e moça, menina
Da luz que meus olhos vêem tão pura
Teus seios são as colinas, varina
Pregão que me traz à porta, ternura
Cidade a ponto luz bordada
Toalha à beira mar estendida
Lisboa menina e moça, amada
Cidade mulher da minha vida

No terreiro eu passo por ti
Mas da graça eu vejo-te nua
Quando um pombo te olha, sorri
És mulher da rua
E no bairro mais alto do sonho
Ponho o fado que soube inventar
Aguardente de vida e medronho
Que me faz cantar

Lisboa menina e moça, menina
Da luz que meus olhos vêem tão pura
Teus seios são as colinas, varina
Pregão que me traz à porta, ternura
Cidade a ponto luz bordada
Toalha à beira mar estendida
Lisboa menina e moça, amada
Cidade mulher da minha vida

Lisboa no meu amor, deitada
Cidade por minhas mãos despida
Lisboa menina e moça, amada
Cidade mulher da minha vida

LETRA

ARY DOS SANTOS, JOAQUIM PESSOA E FERNANDO TORDO

MÚSICA

PAULO DE CARVALHO

ILUSTRAÇÃO

ANDRÉ CARRILHO

oitenta



CORAGEM HOJE, ABRAÇOS AMANHÃ é uma mensagem de apoio partilhada entre as mulheres detidas pela PIDE durante a ditadura. No reduto norte da prisão de Caxias, comunicavam através de sons na parede e palavras sussurradas de apoio e coragem. Passados 47 anos sobre a Revolução de Abril, a EGEAC e o Museu do Aljube Resistência e Liberdade prestam homenagem à memória dos resistentes antifascistas e à luta pela liberdade.

Num momento em que a pandemia limita contactos e condiciona encontros, “Coragem hoje, abraços amanhã” ganha um novo sentido. Fazemos da inspiração na resistência a resiliência necessária para dias melhores.

 EGEAC

 MUSEU DO ALJUBE
RESISTÊNCIA
E LIBERDADE

Abril em
Lisboa

**CORAGEM HOJE,
ABRAÇOS AMANHÃ**



EGEAC



**MUSEU DO ALJUBE
RESISTÊNCIA
E LIBERDADE**

**Abril em
Lisboa**